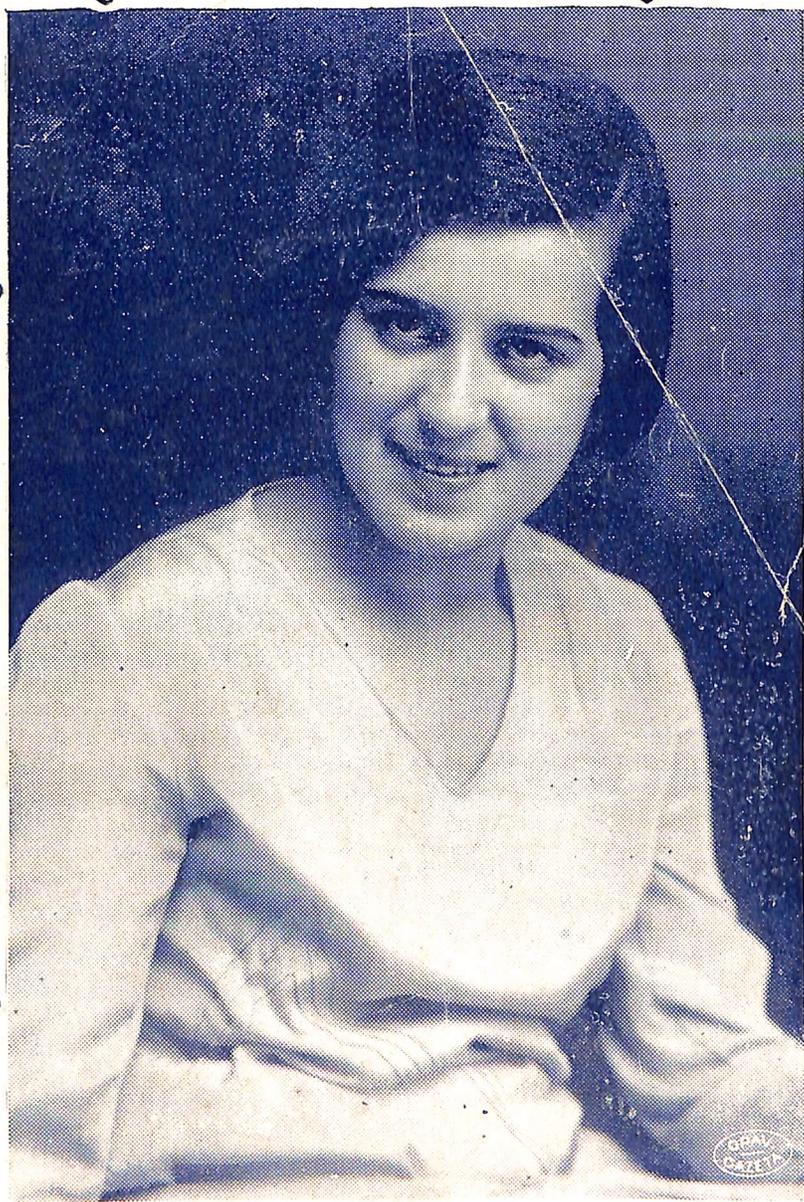


REVISTA MENSAL, LITERARIA, CRITICA, HUMORISTICA E ILLUSTRADA
DIRECTOR: CASIMIRO BRITES FIGUEIREDO

JUNDIAHY, 31 DE MARÇO DE 1929



A encantadora senhorita ODILA MIRANDA CHAVES, a rainha da graça e da beleza jundiahense, que no renhido concurso de belleza, local, logrou obter o primeiro logar, conquistando, assim, brilhantemente o titulo de "Senhorita Jundiahy".

"SULTANA"

Revista mensal jundiahense

EXPEDIENTE :

Assignatura annual: 12\$000

Numero avulso: 1\$200 Numero atrazado: 2\$000

Toda a correspondencia deverá ser dirigida ao Director, snr. Casimiro Brites Figueiredo e endereçada á Avenida Dr. Cavalcanti, 84 — Jundiahy.

Publicaremos gratuitamente photographias, instantaneos, «charges», caricaturas, etc. enviadas por nossos amigos e assignantes. Daremos preferencia a assumptos que se referiram á vida de nossa terra.

Acceitamos collaborações, mas não publicaremos artigos politicos, polemicas, criticas ferinas, etc. Não nos responsabilizamos pelas ideas expendidas pelos collaboradores.

Não devolvemos os originaes, meso o quando não publicados.

Todo e qualquer assumpto que se relacione com «Sultana» deverá ser tratado com o Director.

UMA DO...

Nésinho

Manoel Pontes Junior, foi nos tempos de sua mocidade uma das pennas mais fulgurantes de Jundiahy. Collaborador assiduo da "A Folha" e da "A Platea", era, por assim dizer, quem garantia aqui em nossa terra a venda avulsa deste vespertino. Foi tambem poeta, cultivando o genero humoristico e o ironico. Em seus bolsos descança até hoje um bem feito acrosticos de um dos grandes vultos da Republica, muito em evidencia no seu tempo. A sua prosa é adoravel e atrahente.

Dotado de espirito profundamente pratico, não deixa para amanhã o que pode fazer hoje. Hoje, completamente afastado da luta pela vida, não deixa de dar seu dedo de prosa na Pharmacia Curado. Gosta muito de guarda-chuvas bonitos e isso nos deu assumpto para esta "biographia".

Um dia passeava elle pela Rua Barão de Jundiahy, quando deparou na vitrina da "A Bota Americana" um bello e artistico guarda chuva. Gostar e adquiril-o após alguma pechincha, foi obra de instantes. Satisfeito e mirando o objecto comprado, lá se foi elle rumo de sua casa. Esse facto passou-se no mez passado exactamente, mez chuvoso. Depois que elle havia comprado o guarda chuva, parecia que o tempo havia firmado. Isto magoou bastante o Nésinho. Passam-se os dias. Tempo firme. Nem um prognostico de chuva e... o Nésinho não estava gostando da brincadeira.

Uma semana depois estava elle como de costu-

me na Pharmacia Curado, quando formidavel aguaceiro desaba por sobre a cidade. Quando mais intensa ia a chuva, elle toma do braço do Antonio R. Oliveira, que estava em sua companhia e convida-o a sahir á rua:

— Vamos até o Largo da Mairiz. Preciso ver um negocio.

— Mas com esta chuva é loucura. Observa o genro, o Antonio.

— Mas eu preciso ir.

E abriado o guarda chuva novo, arrastou consigo o genro. Já no meio da rua elle diz.

— Graças a Deus, choveu um pouco! Eu já andava nervoso com esta falta de chuva.

O genro, extranhando essa phrase, perguntou:

— Mas o senhor ainda não está cansado de tanta chuva?

— Estou. Mas agora eu tinha necessidade della, mais que nunca...

?!

— ... pois eu comprei um guarda chuva novo e precisava extreal-o...

E voltou contente para a Pharmacia do Joãozinho,

SULTANA

Casa de Encanamentos

Artigos Sanitarios

Cyriaco Vidilli

Rua Barão de Jundiahy, 55

SPLEEN

Tarde de Agosto. O sol ardente, fulge no azul como uma gotta de orvalho no calix de uma immensa flor azul. A briza afaga, acaricia num beijo, perfumada e serena, os pampanos viridentes, enquanto que os rouxinões, soluçam, baixixinho, a intermina melodia do ritmo harmonioso das canções e das canções harmoniosas do ritmo.

Num jardim antigo, orlado de buxo e de camelias em flor, um vulto esbelto de naiade a ondular, arfante, debruça-se meigamente por sobre a fonte marulhante, onde um chafariz esparge o leque transparente da agua platinada, em que o sol accende scintilações irisadas de cristaes. O halito perfumado das tilias, dulcido, baila na frescura do zephyro como extractos de orchideas e lilazes, num ambiente suave de «boudoir». As flores, nos canteiros, desdobram as petalas numa expressão doce de graça, polychromicas, multicores. Toda a Natureza, numa apothose de flores e de canções, dir-se-ia sorrir para nós. Era assim, numa tarde de Agosto encantadora, que o meu amigo Mario — o paradoxo personificado num rapaz de vinte annos — me dizia:

— Ah! Como tudo isto é triste! (E o seu olhar fluctuava e devaneava) Eu não comprehendo a vida! A vida!... A vida é o tedio! Não se vive: soffre-se! O que é «isto» que eu sinto torturar-me, perseguir-me? A vida!. Ah! A vida... Para que vivo?

— Para sentires esse contacto da brisa que nos abraça.

— Não a sinto. Foi ella

que me levou as ultimas illusões, as derradeiras esperanças, como se ellas fossem fumo que se evola!

— Para embalares a alma na luz scintilante do sól; para sonhares idyllios ao luar encantador das noites de verão...

— O luar! O confidente da minha dor! Evoca-me longiquos dissabores.

— Mas reanima-te na senda forte da saudade que suavisa.

— ... a saudade que tortura

— Não vês ao menos, as flores que te sorriem?

E o meu amigo Mario fixava o olhar ao longe, muito ao longe, num paroxismo de tédio acabrunhante.

E no azul diaphano e crystalino o sol espargue ainda as ultimas scintelhas, á baixa luz do sól agonisante.

(Villa Rosa)

Guilherme de Lucena

CARIDADE



Caridade!

Quanto de representativo tem essa palavra! Ella faz nascer no coração do ente mais perverso, a compaixão e a piedade. O homem vil, o homem que a ninha no peito um coração empedernido, tem as vezes necessidade de se valer ou mais raramente, de praticar a caridade. Recebendo-a ou praticando-a, elle sente que algo de extraordinario penetra em sua alma e a-branda o seu coração.

É de aquelle que tem necessidade. Como é triste implorar a caridade. Quem pede é sempre com acanhamento que o faz e a ne-

cessidade faz então surgir no rosto de quem implora uma expressão tão doce, tão meiga, tão terna, que poucos são os que não attendem.

Nem só os mendigos tem necessidade da caridade! Os ricos, os potentados também teem essa necessidade. Os pobres teem necessidade da caridade humana e os potentados da caridade divina.

No mundo pululam os impios, os herejes, os malfetores e quem mais que mais que elles necessitam da caridade de Deus?

Nós quando temos precisão de uma graça, de um conforto, erguemos nossos olhos a Deus e a Elle pedimos o preciso. O pobre quando tem fome, abaixa os olhos e pede ao homem a codea de pão que lhe a matará.

O assassino, o ladrão, o salteador, implora as vezes a esmola de um perdão. E quem, dotado de um coração bem formado lhe a nega? Ninguém, por certo. Elles são tão necessitados!...

Piracicaba, é uma cidade onde a caridade encontrou o seu verdadeiro pouso. Pessoas verdadeiramente christãs abrem seu coração e sua bolsa, para sanarem feridas e lacunas que a infelicidade abriu. Innumerables são as instituições caridosas que aqui se mantem amparadas pela generosidade piracicabana. Entre ellas occupam logares de destaque: O Azylo de Orphãos, que abriga sob seu hospitaleiro tecto dezenas de creanças desamparadas; o Azylo de Mendicidade, dentro de cujas paredes habitam aquelles que vencidos na vida, não encontraram o amparo de um filho na velhice e nesse recolhimento encontraram não só a paz de espirito como também uma felicidade tardia; os que soffrem

encontram na Santa Casa, os recursos precisos para readquirir o mais precioso dos bens terrenos — a saúde. Não quero me expandir muito, tornando-me prolixo e massante. Quiz, com estes meus rabiscos pregar a necessidade que cada um de nós sentimos de ser util ao proximo — fazendo o bem sem saber a quem.

Piracicaba, 28-2-29

A. M.

PRESENGA DE ESPIRITO

(Especial para "Sultana")



Na capella do Taboão distante tres leguas de Parnahyba, realisava-se a tradicional festa de Santa Cruz.

Nesse dia, o povoado apresentava aspecto desusado. O pateo fronteiro á capella tinha sido carpido de vespera, as entradas dos caminhos varridas, e a capella toda enfeitada com flores de papel de seda. Arcos de bambú, de dez em dez braças, ligados por bandeirinhas de variegadas cores, ornavam o espaçoso pateo em cujos lados ficavam enormes "caieiras" que, á noite, illuminavam o largo para a "função".

De todos os lados, por caminhos e carreadores, a cavallo e a pé, chegavamromeiros. Moças e creanças, rapazes e velhos, envergando roupas domingueiras, descalços uns, traziam, prazenteiros e alegres, uma prenda para o leilão, em beneficio da festa.

Na venda fronteira á capella, unica do local, acotovelavam-se os recém-che-

gados, anciosos por "mollar a guéla".

— « Ponha um martello de pinga. E' dá bôa? » inquiria um.

— « Mecê me dá u'a Burgueza », dizia outro.

— « Teim aniz? Me dá um cale », pedia um velho desprendendo as chilenas do calcanhar.

— « Mecê me dá dois copo de capilé », pedia um rapazola imberbe, acompanhado de tres caboclinhas de rostos manchados de pó de arroz.

As moças, devido á grande concorrência, eram servidas fóra das portas do "negocio", onde saboreavam seu refresco ou vinho branco do "bão".

A animação dos festeiros augmentava de instante a instante com a chegada de novos forasteiros. Inumeros agrupamentos se formavam. Depois dos cumprimentos e votos de boasvindas, um "dedinho de prosa" se tornava necessario:

— « Mecê já coieiu sua roça? »

— « Quá, inda num tive tempo, não foi pussive! Tenho andado muito trapaçado cum duença in casa. »

— « Nhá Barduina num melhorô? »

— « Quá, tá ansim mermo! »

De repente um foguete annunciou a hora do "levantamento do mastro." O sino da igreja deu o signal para a reunião. Os grupos se desfizeram e todos se encaminharam para o logar das cerimonias. Alguns homens carregavam, ao hombro, o mastro que, depois de enfeitado com flores e de receber a bandeira pintada á aquarella, seria erigido em honra ás solennidades que se iniciavam com rezas, puchadas pelo capelão e eram acompanhadas por todos os presentes. Os foguetes já pipo-

cavam e o sininho da capella repicava alacre e ruidoso.

Terminada a reza, e após o sorteio dos novos festeiros, começou o leilão no "puchado" adrede preparado.

— « Bamo começá o leilão, pessoá, pra ajudá a festa—berrou logo de entrada o leiloeiro. Quanto meceis me dão por este segredo? »

— « Duzento reis ».

— « Quatrocento ».

— « Dez tão ».

— « Dez tão, dez tão, eu bato! Dez tão, é do Jango. Outra prenda. Um bolo ferido por a senhorita dona Maria de Jesus da Conceição Rodrigue. E' um bolo de ovo! Oie só, Tonico, cumo tá cherando!

— « Quinhento reis! »

— « Ché, num paga nem os ovo! »

— « Novecento! »

— « Só de papé tem dez tão! »

— « Dez tão! »

— « Dez tão, dez tão, dez tão... »

— « Mile quinhento pro Tónico cumê! »

— « Mile seis pra quem fereceu », grita o Tónico.

— « Mile sete pro Tónico. »

— « Mile oito prelle, bata. »

— « Mile nove pro Tónico. »

— « Mile nove, mile nove, mile nove... E o Tónico come mermo. Mile nove, mile nove, mile nove... E' do Tónico.

E assim despertando a curiosidade geral entre risinhos provocantes e chalaças innocentes, "se picando", em lances nunca superiores a tres mil reis, o leilão terminou alta madrugada com a renda de cento e poucos mil reis.

No pateo, illuminado pelas chammias enormes de duas fogueiras, pelas lanternas venezianas e pelos lampeões de kerozene es-

petados em pedaços de bambú, diversos grupos divertiam se tocando e dançando. Os violeiros se entusiasmavam com interminaveis desafios.

O Chico Grande, um caboclo daquellas paragens, trajando calças kaki e botas pretas, lenço encarnado a cobrir-lhe o pescoço queimado pelo sól, chapêo de palha, relho trançado na destra, divertia, com muito espirito, um magote deromeiros.

— « Puis é, pessoá, quan pulô, eu preguei fogo no tár, mais a "ligitia" tardô fogo e o bicho fincô nu'a disparada pelo carrascá que não fei vida. »

— « Intão escapuliu? » indagou o Zé Prazeres, um dos do grupo.

— « Quá o que! Eu pinchei a dois canno do lado, garrei o parreio que contei pra meceis, o tar "Frite" de mató mundicia, corri atraiz do tar i garri a espirrá co pareio. I tanto espirrei o "Frite" que o bicho sintiu o chero do veneno, árregalô os zoio, estaquiô, garrô u'a tremedera e baquêo meio morto. »

E satisfeito:

— « Eu não dizia pra meceis que o tar "Frite" que era bão mermo? »

E interrompeu a sua narração, tornou-se serio, porque se aproximava o grupo do Zé Caninana, seu inimigo figadal. Duas, tres palavras de desaforo, uma faca que brilha ao luar e ao clarão da illuminação do pateo, uma barriga servindo de "bainha", um grito de dôr, e dois braços que seguram. Um corpo tomba inanimado numa enorme poça de sangue.

Às dez horas do dia seguinte, depois de passar algum tempo amarrado a uma palmeira em frente á capella, entra na Delegacia de Parnahyba, escolta-

do pelo inspector de Quartirão e por mais quatro testemunhas, o Chico Grande, cabisbaixo e pensativo.

Inteirado do ocorrido, comparece o Delegado, ao meio-dia, para iniciar o inquerito. Depois de ouvir as testemunhas e o inspector, faz vir á sua frente o acusado.

— Sente-se. Diz-lhe a auctoridade.

— « Sim seôr. »

— Onde mora ?

— « No bairro do Taboão. »

— Quantos annos tem ?

— « Hóme, pra dize bem a veldade, num sei bem. Sô da idade do premero fio de nhá Barduina, que morren o anno passado. »

— Mais ou menos, em quanto calcula ?

— « Home, eu devo tá berando os trinta e óito, porque no anno que eu nasci a egua de nhá mãe teve um potrinho macho, o potrinho morreu cavallo feito, cum dezóito anno e faiz já uns vinte que elle morreu. »

— Está bem, — disse o Delegado pondo termo a descripção — o senhor é accusado de tentativa de assassinato.

— « Sim seôr. »

— O senhor commeteu um crime. — Disse em tom mais alto a zelosa auctoridade, vendo que as suas primeiras palavras não foram comprehendidas.

— « Ah! isso não seu dotô delegado. »

— Como, pois o senhor nega a pratica de um acto por demais comprovado

— « Sim seôr. »

— Pois vou apresentar-lhe quatro testemunhas. E mandou que ellas dessem entrada no salão — estes senhores accusam-no da auctoridade do crime.

— « Sim seôr. »

— O que allega em sua defeza ?

— « Mais quantas testemunhas o dotô tem mermo? »

— Estas quatro que tudo viram.

— « E as testemunhas regula argua coisa? »

— De certo! Óra essa!

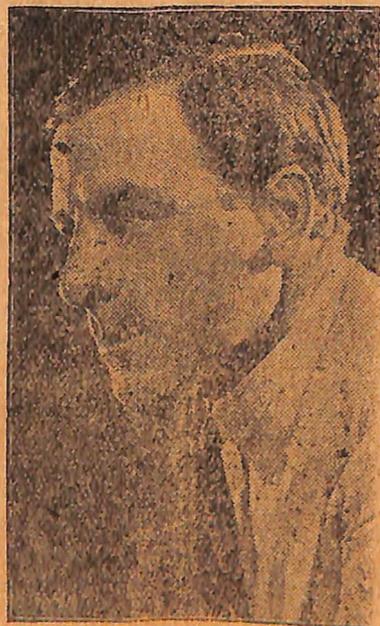
— « Puis dotô, eu, na minha defeza, posso apresentá trinta e óito teslemunha que não viro nada... »

São Paulo, 20-2-29

João Sant'Anna

Felias & Fitas

“Vingança”, é o titulo da ultima pellicula de Dolores del Rio e é a peor que esta artista ha produzido. O director deixou que ella tomasse posições a seu gosto e nos aborrece com todas as maneiras de seu desempenho, em vez de fazer o seu verdadeiro papel e esquecer-se de que é Dolores Del Rio por mo-



MILTON SILLS

mentos. Todos os demais artistas parecem que foram reprimidos em seus desempenhos naturaes, com intuito de fazer resaltar o trabalho da estrella. Acompanham-na nesta cinta, José Crespo, James Marcus, Sofia Ortega, Leroy Mason, Rita Carew e outros. O argumento é adaptado da novella de Bercovici, “A filha do domador de ursos” e o resultado não é bastante interessante para impedir que o espectador durma de aborrecimento.

“O escandalo da officina”, é uma cinta da Pathé dirigida por Paulo Stein. A acção ocorre em uma redacção de jornal, enredo esse que parece estar em moda actualmente. É factosabido em Hollywood, que quando um fillo obtem exito pronunciado, os demais productores se apressam a filmar obras baseadas no mesmo enredo e com argumentos parecidos. Quando não são temas de guerra, o são do baixo mundo, aviação, etc. E a moda agora parece ser a do jornalismo. Phyllis Haver, Raymond Hatton, Dan Wolheim e Margaret Livingstone, são os artistas que tomam parte no desempenho desta comedia, cujo principal intuito é entreter e o conseguem.

Coollem Moore, embarcará para a Irlanda dentro de pouco tempo, afim de filmar alli a sua proxima pellicula. O titulo dessa pellicula não pode ser mais pessoal, por que se chamará “Coollem” e será dirigida por William Seyter.

Lupe Velez, vem percorrendo todos os studios

Folhas soltas

guinte titulo: “Amor Eterno”. É de se esperar que não troque novamente de nome antes do dia da estreia, mania commun entre os productores.



BUSTER KEATON

Pequenas Noticias

Marion Davies, tem 29 annos. Nasceu em 3 de Janeiro de 1900.

Ruth Roland, acaba de voltar ao cinema, posando no film “O amor e a Lei”.

Adolph Menjou, está filmando agora “O concerto”.

Joe Paige, é o verdadeiro nome de Don Alvarado.

Clara Bow, tem 24 annos e é solteira.

Al Jolson, é actualmente o artista que ganha maior ordenado.

Lon Chaney, usa o seu nome verdadeiro.

Shirley Mason, está trabalhando para os ateliers da Columbia.

Tom Mix está procurando se divorciar de sua ultima esposa.

FITEIRO

Ressurreição! Então o homem: ha de reviver após o exterminio da materia? Certamente, segundo a crença de todos os que acreditam que a vida humana não se resume nesta peregrinação pela terra. O verme resurge da propria terra; a flor resurge da propria flor e porque o homem não poderá resurgir após o aniquilamento de materia?

O espirito voltado para o passado, sente emoções novas se lembrar de alguns momentos felizes, passados numa noite de mysterios e de encantos.

Um cão que saudoso, se deixa morrer de fome e de dor sobre a sepultura de seu benefitor, vale mais que um homem que deixa de reconhecer um beneficio recebido. É que o irracional tem mais sentimento de gratidão, que o racional que nega a existencia da solidariedade e o amor que é tão pregado pelos homens.

Não ha memoria de um cão hydrophobo que haja mordido a pessoa que o protege. No entanto, são muitos os exemplos de homens que hão e carrado nas mãos protectoras que os arrancaram dos abysmos das misérias.

A vingança não deve ser acoroçada, mas, eu estou vingado, porque atirei uma rosa rubra contra o peito da trahidora e o alvo foi alcançado, ficando a flor presa pelos espinhos, como um signal do meus desprezo contra quem não soube ser sincera.

Rosa do Prado

de Hollywood, ganhando assim popularidade e experiencia. Apenas terminou seu trabalho na Paramount, junto a Gary Cooper, na pellicula “A canção do lobo”, foi logo contractada para os studios da Metro-Goldwyn-Mayer, para actuar como *leading-lady* de Lon Chaney na cinta “Dónde el Este es el Este”, dirigidos por Tom Browning.

Charlie Chaplin, acaba de iniciar em seus ateliers da Avenida La Brea, em Hollywood, sua nova cinta “Lights of the City”, na qual será sua *leading-lady* uma principiante, Virginia Cherrill, moça da sociedade de Chicago, que e grande comico descobriu uma noite em que assistia uma função theatral.

Richard Barthelmess, passou a sua noite de paschoa, com sua nova esposa, sua mãe, seu fillo e a mãe deste e consequentemente sua primeira esposa. E dizer que o pequeno Dick tinha em sua casa naquelle momento as suas duas caras metades... Disto á vida dos saltões nos harens, falta um passo.

Malcolm St. Clair deixou os ateliers da Paramount e passou para os da Metropolitan para dirigir a actual producção de Harold Lloyd. Por sua vez este film será feito silencioso e falado, satisfazendo assim a todos os publicos.

“O rei das montanhas”, a ultima cinta de John Barrymore, para a United Artists, recebeu novo nome. Foi rebaptisada com o se-

Na Escola Normal

Hilda Lacerda — é a fada encantadora e encantada, que traz preso ao encanto de seus olhos brilhantes, o galan vislumbado, em um sonho de amor.

Esther Bellini — é a porcellana delicada que só pode ser tocada pelas mãos divinas de um archanjo, nimbado de luz, a irradiar felicidade.

Adilles Ladeira — é a creatura meiga, a espalhar com o encanto do seu sorriso o Lemfazejo prazer que nos proporciona a boa e pura amizade.

Aurea Pauperio — é o anjo de cabelos louros que desceu á terra para trazer aos viventes a maravilhosa demonstração de quanto é atraente o ceo.

Annita Jaroslowski — é a deusa da alegria, a espalhar pelos ambitos de nossos corações a esperança que se irradia de sua alma innocente.

Elza Pacheco — é o arco iris, trazendo entre as tempestades de lições, a bonança que nos causa a certeza de um dever bem cumprido.

Nadyr Bueno — é o espirito galho-feiro, que

SE CÃO FEMININA

resto de saudade, por quem que aqui se foi e por quem seu coração palpitou um dia?

A alma de Armando C. será diferente das demais que não sintam a necessidade de amar e de ser amado, juntando á sua, uma outra alma?

O espirito irrequieto do Fernando S. não sentir-se-á as vezes cansado de tanto perambular pelos muitos corações femininos?

Porque para as vezes por sobre a fronte da Apolonia Z. um como que halo de tristeza, uma como que recordação de dias felizes?

Porque os olhos da Linda P. parece que encerram um mysterio indecifrável, quando se os lita com intensidade e persistencia?

Sentirá a Izaura M. a mesma satisfação agora, como a que sentia quando seus olhos fitavam um outro ceo, que encerrava para ella outros segredos?

Porque os olhos da Ignez P. tem as vezes certo brilho, certa vivacidade, parecendo que se entreabrem num sorriso de alegria?

Pulsará agora com mais intensidade o coração

tre sorrisos, desfere sobre o mal o golpe ironico, tendo sempre para a vida um riso alegre e prazenteiro.

Normalistinha

Perguntas Indiscretas

Não sentirá as vezes o Cariño P. um vacuo no coração, aberto por um sentimento que se esboçou mas que não se completou?

Sentir-se-á Natal C. feliz sem ter a palpitar no coração um sentimento puro e terno, que nos eleva ao sétimo ceo?

No coração emperdenido do Luiz B. não vagará um

POSTAL

AO FAUSTO PIRES

Mimosas, as mariposas ajeitam imprudentes em volta de um foco brilhante, de onde jorra vivida luz. Primeiro volteiam distanciadadas, mas, depois, atrahidas pelo brilho excepcional da claridade, ellas se deixam arrastar pela trahiceira attracção e depois entontecidas voluteiam, rapidas e banqueiam inermes, as vezes para não mais erguerem o vôo. Assim são os homens. As mulheres são os focos de luz; os homens as mariposas inexperientes. Dançam, giram descuidados em torno dos focos, sem muito se aproximarem. Variam as vezes. Mudam de focos. Mas tanto um como outros traz em seu bojo a tentação e um dia o homem cede. O brilho mais intenso de um dos focos o entontece e elle que se julgava invencivel cahé enfim. As vezes a intensidade da luz, não mata. O homem cahé e quando procura do novo o seu foco, já a luz se apagou. Foi brilhar para outro talvez. Assim pois, tome tento meu amiguinho e não te deixes entontecer pelo brilho dos muitos focos luminosos que se apresentam ante ti e que trazem no bojo a tentadora chamma da illusão.

PEROLA PALLIDA

da Nair C. por sentir mais perto de si o coração de quem que longe vivia?

Mexeriqueiro

Dizem que...

... o Eugenio L. está se aprofundando em estudos philosophicos, para bem definir a alma feminina.

... o Celso R., está estudando um meio de se tornar o maior mestre de Pingue Pongue da terra.

... o Dilermando D., vae aprender a tocar victrola para poder fazer serenatas ao clarão... do sol.

... o Pedro T., vae transferir sua residencia para Jundiáhy, para estar sempre ao lado della.

... o João B. F. F., está trenando para ser o melhor dansarino de nossa terra e arredores.

... o J. Brito., vae abrir uma escola para ministrar o ensino de luta romana.

... o Quirino P., vae deixar de usar oculos a pedido de quem que elle muito estima.

... o Osvaldo A., é o maior cultor do humorismo e do sarcasmo, mas é só para uso proprio.

... o Alexandre S., vae deixar de tocar violino porque assim não sente uma saudade no coração.

... o Lauro F., é o dicipulo de Galeno que ma-

Casa de Modas

Fazendas, Modas e Armario, Chapéus para Senhoras e Crianças

Madame Maria Carletti

Rua Barão, 80 - JUNDIAHY - Telephone, 297

MEDALHÕES

Guaraciaba de Oliveira — um beijo que para nos labios vermelhos e amados e que, febrilmente, em ancias incontidas se encontram e medrosos se apartam, allucinantantes... o sabor do beijo que se não colheu, mas cuja esperança viva, concretiza o nectar suavissimo e embriagante, na taça suspensa e incosquistada..

Jandyra Ribeiro — uma noite oriental... uma bandidolnata ao clarão argenteo da lua... um conjuncto de cousas bellissimas e encantadoras. Um sonho de opio... um roseo despertar...

Alda Faber, uma flor que desabrochasse linda como um sonho de amor, perolada pelas lagrimas de orvalho e que depois se visse transportada por mãos amigas e amadas para um jarrão de Sèvres, espargindo o suavissimo perfume no ambiente de uma alcova feericamente illuminada...

Maria Aparecida de Almeida — um romance lindo, de cuja leitura jamais os nossos olhos se cansarão. Romance que symbolisa a vida de dois corações que se amam desvairadamente para, finalmente, se fundirem num só, em uma só alma, em um só beijo infinito e victorioso...

is corações tem conquistado e abandonado.

... a moça mais intrigante de nossa cara Jundiáhy, é a

LINGUIHA DE PRATA

Cooperativa do Povo

de
SALVADOR JAROSLAVSKY

Móveis de todos os estylos. Completo sortimento de tapetes, oleados e passadeiras das afamadas marcas CONGOLEUM e LINOLEUM. Confecção de casas para senhoras, capas e roupas para homens. A casa mais sortida no genero!

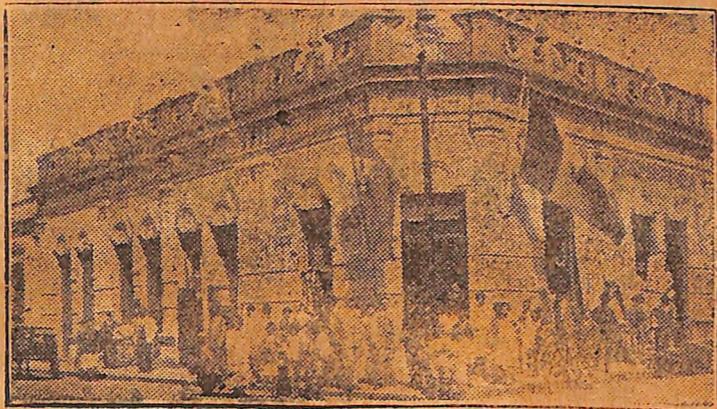
PREÇOS OS MAIS BARATOS

Facilita-se o pagamento

R. Barão de Jundiáhy, 77

Casa Independencia

A Rainha



do Panno

Completo sortimento de artigos para homens, artigos finos para presentes - **Chapeus Ramenzoni** - Rua Barão, 97

Ultimos typos de collarinhos **CRUZARIS E MARVELLO**

Praça Independencia, 2 - 4 Phone, 75 Predio Proprio

Iracy de Lima — qualquer cousa que nos traz à mente lendas mysteriosas, passadas nas brasilicas plagas longiquas. O adejar da graúna de azas denegridas por sobre as azas espalmadas dos coqueiraes do Norte . . .

Aderaldo Moraes — um ser incomprendido . . . Ha tautos corações que pulsam em ancias pelo seu, mas sem nada conseguirem . . . quando muito uma promessa esquiva num sorriso como só elle sabe sorrir. Vive para a vida bancaria, como se ella tivesse maior attracção que uns olhos grandes e lindos de uma morena feita para penetrar em seu destino . . .

Alvaro S. Lima — o X incognito de um problema que se não definiu . . . uma

equação para menos ou para mais, de conformidade com o vento que sopra. É amado e . . . por muitas. Se corresponde a algumas não sei . . . nisso consiste o X do problema.

João Pires Moraes — um violino longiquo, cujas cordas rezezas, feridas por mãos nervosas, desprendem no silencio da noite evocativa a canção tristissima da saudade. Gemidos de sons que se perdem no ambiente, mas que ficam n'alma como pontas de agudos punhaes e nos labios como



resaibos de beijos violentos e apaixonados . . .

Tenente Porphirio — uma borboleta ideal voejando sobre corollas abertas enfermas de amor. Suga todo o mel nellas contidos e depois, alçando o vôo, ganha o azul dos ceos infinitos, deixando atraz de si uma onda de acres murmúrios e perdidas illusões . . .

Renato Carderelli — alguém o procura para que com a pericia profissional possa extrahir-lhe o dente do juizo. Mas elle, profissional ainda, foge desse alguém, pois ao envez de extrahir-lhe o dente do juizo, é capaz de perder o coração. . . extrahir-lhe o coração.

Caso virgem nos annaes "dentisticos", mas . . . que poderá algum dia succeder. . .

Lagrima Occulta

REVISTA MENSAL, LITERARIA, CRITICA, HUMORISTICA E ILLUSTRADA
DIRECTOR: CASIMIRO BRITES FIGUEIREDO

JUNDIAHY, 31 DE MARÇO DE 1929

Ressurreição

Cumpriram-se as prophcias. Christo, o Filho de Deus, feito homem, ressuscitara, gloriosamente. Após a tristeza de sua paixão; a dor de sua agonia; o lucto de sua morte — Christo, resuscitara. Nada adeantara a perseguição; nada adeantara o mártirio, nada adeantara a sua morte, para os seus crueis perseguidores. Christo, demonstrara cabalmente, que uma só vontade guia e dirige o mundo — a vontade de seu Pai e Senhor — Deus! Nada adeantara a guarda collocada á entrada do seu sepulchro. As prophcias tinham que se realizar, e realisaram-se. Tres dias haviam-se passado e Jesus, zombando de seus guardas, ressuscitara, para gloria e louvor de Deus. Uma nova era se iniciava. Uma era de paz, amor e harmonia. Uma era, em que predominaria as licções do Mestre. Iniciava-se enfim uma era que não teria fim — a era do Christianismo. Contrariando todas as perseguições, zombando de todos os ataques, a Igreja de Christo, vem atravez dos seculos infindos consolidando o seu prestigio, o seu merecimento.

A Igreja commemora hoje a sua maior data, a sua mais gloriosa ephemeride. O coração christão, que hontem, chorou angustiado, exalta-se hoje n'uma demonstração entusiastica de alegria.

Nos ceus, os coros angelicaes entoam os seus hymnos e psalms. Na terra, o coração humano se dilata, feliz, como se pequenino elle fosse para conter toda a felicidade acrysolada.

E tudo, porque Christo ressuscitou.
Ressurrex! Ressurrex!

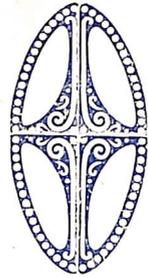
TRES mezes do anno ja se escoaram. Tres mezes que se foram por entre chuvas e mais chuvas. Tres mezes em que poucas vezes vimos a cara do s6l. Mas parece que o tempo, cansado de tanta agua despejar sobre n6s, fechou as suas comportas e d'oravante ser6 mais cordato.

E' esse ao menos o prognostico que o mez de Abril se encarregar6 de tornar realidade. Abril, na belleza de sua quadra de luz, de s6l, querer6 por certo, continuar ainda a ser o mez dos dias lindos, das manh6s de luz e dos prados floridos.

Abril, 6 para n6s, brasileiros um mez repleto de recorda76es.

Foi em Abril de mil e quinhentos — calendario antigo — que Pedro Alvares Cabral, lembrou-se de descobrir o Brasil . . . por descuido. Foi ainda num triste dia de Abril, que um dos primeiros sonhadores de nossa independencia, pagou com a vida a ousadia de seu sonho dourado. Foi numa tarde de Abril, que Tiradentes pagou, no alto de nm patibulo, o crime hediondo, de desejar, nos

ABRIL



APRESENTAMOS hoje aos nossos conterraneos, o Papudo. Papudo, ser6 o representante de nosso povo. Papudo far6 d'oravante parte integrante de «Sultana», como representante que 6 de nossa terra,

Porque elle chamar-se-6 Papudo? Papudo, 6 um epitheto que de ha muito cabe aos jundiahenses, alliaz, injustamente. E pois, nada mais natural que assim o baptissemos. Documentemos, porem, esta afirma76o: Diz Saint Hilaire, em seu livro «S6o Paulo nos tempos coloniaes», a pags. 165 e 166, da primeira edi76o traduzida para o portuguez, o seguinte: «Devo tambem notar que o bocio, infelismen-te t6o commum em certas partes da provincia de S6o Paulo, ainda o 6 mais talvez em Jundiahy e seus arredores e que os habitante desta cidade s6o appellidados de papudos de Jundiahy.» Felizmente Jundiahy n6o tem mais papudos, mas nos apeg6mos 6 historia e 6 tradi76o, para baptisarmos o nosso apresentado — Papudo!

Como bom jundiahense, que se presa, Papudo tem seus «cheiros» de «Doutor» e como tal n6o dispensa a sua pastasinha, caracteristica dos bachareis. Conserva ainda um resto de «dandy» antigo, na sua bengala passadista. E' assim, um res-



tempos coloniaes, a liberdade do povo brasileiro, povo t6o grande, t6o ativo e t6o nobre, como a propria terra que lhe deu o ser.

Abril! Abril! Mez em que nossa alma adeja, vadia, pelos ceus infinitos. O nosso espirito ainda anima vivido, o espectral que a Igreja nos offereceu da tragedia do Golgotha e a nossa alma essencialmente catholica, relembra com carinho as palavras de paz, de amor e de concordia, que um discipulo de Christo proferiu.

Os bot6es de rosas que surgem em Abril, s6o as rosas que desabrochar6o em Maio. Bot6es de rosas que s6o como as esperanças de uma noiva — sonhos acalentados hoje e esperanças realizadas amanhã. Bot6es de rosas que s6o como os bot6es da vida. Os bot6es de rosas a apresentarem uma promessa de flor e os bot6es da vida a apresentarem uma promessa de sonhos. Ambos a se desfolharem paulatinamente, tristemente, deixando apenas, aquelle o calix, este a velhice; aquelle mureho e esta experimentada e desilludida.

LICINIO VALDEZ

VELHARIAS

A MATRIZ VELHA

Prestando preito de saudade ao Jundiahy de hontem, publicamos hoje a photographia da antiga Igreja Matriz, a Igreja onde os nossos av6s receberam as aguas lustraes do baptismo. Na austeridade de suas linhas pesadas sobresahe o j6 grande espirito do christianismo que subsistia naquellas epochas. A antiga igreja matriz conservava dentro de suas paredes a historia talvez de mais de meio seculo.

A data de origem de sua construc76o, perdeu-se no correr dos tempos. N6o ha um documento official que siquer, que fa76a referencia a este facto. Estive-mos na Igreja Matriz, e palestrando com o Revdmo. Vigario Conego dr. Hygino de Campos, soube-mos que n6o consta dos archivos, nenhuma indica76o, nem um indicio sequer. E' possivel que no proximo numero digamos qual-quer coisa a respeito. Pretendemos, assim que dispuzermos de algum tempe, ir aos archivos da Curia, em S. Paulo, re-

buscar algum documento. Encontraremos? Quem sabe?

Da Igreja Matriz velha, restam algumas datas esparsas. Assim, sabemos que as suas torres foram concluidas em 1836. Ha um seculo quasi, donde se deduz que ha mais de um foram as obras iniciadas. Em 1858, o estado geral da Igreja n6o era dos mais lisonge-

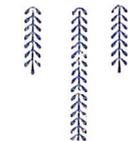


ros e preciso torn6ra uma repara76o, que nesse mesmo anno foi effecuada.

Com o desenvolvimento da cidade, fez-se necessaria uma reforma mais ampla e assim nasceu a idea de dotar Jundiahy de uma nova matriz. Incumbiu se do projecto do novo templo o grande e saudoso architecto paulista dr Ramos de Azevedo, que foi tambem quem a construiu. Aproveitou-se, porem, da velha Igreja as suas paredes principaes, isto 6, as paredes exteriores. O restante, a picareta do progresso encarregou-se de destruir. Isto no anno de 1886. A Matriz nova, foi aquella que co-

nhecemos dez annos atraz hoje j6 com mais algumas reformas que o espirito progressista e modernista do revdmo. Conego dr. Hygino de Campos, lue impoz, tornando - a um dos mais bellos e artisticos templos do Estado. Da Igreja de hontem 6 a Igreja de hoje, so um tra76o as liga, materialmente - as vestutas e resistentes paredes de taipa. A photographia que hoje es-

tampamos, ter6 por certo o espirito de saudade e far6 duplicar em nossos cora76es o respeito pelo passado.



AS PRINCEZAS DA BELLEZA



A linda e gentil senhorita BARBARA FAGUNDES, descendente de uma das mais tradicionais famílias jundiayenses, que se collocou em segundo lugar no memoravel premio aqui travado para a escolha da "Senhorita Jundiayh"

BEIJOS...

Toda Coty perfumada,
Beije tua bocca mimosa!
Oh! minha bella adorada,
Toda Coty perfumada!
Por ti minh'alma encantada
Vive agora em mar de rosa...
Toda Coty perfumada,
Beije tua bocca mimosa!

Curitiba — Paraná.

Antes eu nunca sentisse,
Aquelle suave perfume...
Teus labios teem só meiguice,
Antes eu nunca sentisse.
Uma vez... sim, eu já disse.
Sem occultar meu ciuime...
Antes eu nunca sentisse,
Aquelle suave perfume.

LÉO JUNIOR

As princezas da belleza



A graciosa senhorita Rosinha Gallo, que galhardamente conquistou o terceiro lugar no concurso de belleza local



AZULEJOS



Comença a entardecer.
O sol, um disco de fogo,
avermelhado, lentamente vae perdendo o seu fulgor, ladeado agora de nuvens densas e escurcidas. Parece que uma tragedia está proxima a realizar-se no mundo infinitamente grande. Célere, um raio risca os ares, como estilha de fogo, e um ribombar mais forte ecôa na vastidão da tarde solitaria e triste. Agonisa o Deus feito homem para salvar a humanidade. Nem um vislum-

bre de odio se desenha no seu augusto rosto, áquelles que o levaram á crucificação. Somente dos seus olhos uma chamma de piedade irradia aos homens, aos mesmos pelos quaes vae morrer, derramando o seu sangue na redempção universal. Ao pé da cruz, uma mulher chora convulsamente. E a mãe, que com o coração mil vezes alanceado contempla muda a scena tristissima do Calvario, vendo morrer o seu querido filho. E não haver uma

penna que descreva em todas as suas minucias a dor irreparavel de um coração humano, ferido em cheio, assistindo a morte do proprio filho. E Maria Santissima assistiu, na mudez de sua propria dor, a agonia do filho, pregado ao vil madeiro. Mais alguns minutos e tudo estará consumado sobre a terra. Doe-lhe a coroa de espinhos, dilacerando a carne, d'onde fios de sangue escorrem-lhe pelo rosto humilde. E a bocca secca-lhe. Tem sede o Rei universal. Agua, agua por piedade, pede uma voz traca e cansada. Uma esponja embebida em fêl é içada na ponta de uma lança e applicada aos labios do Divino Mestre. E n'um requinte de crueldade, um pontão rasga-lhe as carnes nûas. Perdoae-lhes Senhor, porque elles não sabem o que fazem», ainda disse o Mestre. E, levantando os olhos limpidos aos ceos, encommenda a sua alma pura como o lyrio. Pende-lhe a fronte. JESUS expirára. A humanidade estava satisfeita. Immolára a victima innocente como se fora um criminoso vulgar. Maria, deixa aquelle logar onde vira pela ultima vez o filho, e lacrimosa vae, levando n'alma a maior das tragedias humanas.

CONSUMATUM EST.
SERGIO

Tontolino — Quero publicar um annuncio, porque perdi o guarda-chuva. Empregado do jornal — E que recompensa dá o senhor a quem o entregar? Tontolino — Vinte mil reis

Empregado — Está bem aqui está o recibo custalhe dois mil reis.

Tontolino puxando pelo dinheiro: — Pague-se.

Empregado — Agora o sr. me dê tambem os vinte mil reis.

Tontolino — Olé! O sr. achou então o guarda-chuva?

Empregado — Achei, sim. Tontolino — Aqui estão os vinte mil reis. Onde está o guarda-chuva?

Empregado — Pendurado no seu braço.

Tontolino — Oh! é verdade! Mas porque o sr. não me avisou antes!

Empregado — Meu caro sr. negocios são negocios.

MULHERES

Vejo-as passar alegremente airozas,
Plenas de graça e rutilos primores...
São como estrelas de ideias fulgores,
Vivas, brilhando, em noites vaporosas;

Leves, tão leves como as mariposas,
Seus sorrisos inspiram sonhadores...
Castas e puras como o mel das flores,
Zombam dos lyrios, invejando ás rosas;

Deus, ao fazer o mundo, com certeza
A's mulheres legou toda a belleza
De sua suprema criação bemdicta...

E, ao vel-as assim cheias de encanto,
Eu percebo meu Deus que gosto tanto,
Que gosto tanto de...mulher bonita!

Avaré, 929

DUILIO GAMBINI

Que falta ao homem para ser divino?

Que falta ao homem para ser perfeito,
E egualar aos de Deus os actos seus?
E que lhe falta para ser eleito
Ao imperio celeste, junto a Deus?

Já é a imagen do Senhor dos céos;
Tem o dom de pensar e conceber:
Dos mysterios os mais occultas véos
Tem o poder sublime de romper.

Com arte e engenho rasga immensos mares,
Corta montanhas, fura a terra, avança,
Dá ao mundo vóltas, é senhor dos ares,
E até ás sidereas regiões se lança

Nas azas tenues e vertiginosas
Das Musas, elevando, assim na altura
Do Creador, em ondas luminosas,
A poesia, a musica, a pintura.

Elle nutre o mais puro sentimento
-- O amor -- tem caridade, raciocinio,
Tem leis, tem religião, e, com talento,
Mantem o mundo sob o seu dominio.

Que falta ao homem para ser, enfim,
Digno filho de Deus, divina essencia?
Oh! Falta-lhe uma cousa ainda! Oh, sim!
Falta-lhe tudo . . . falta-lhe consciencia!

F. PESSOLANO

Receita N.º 1

(Ao João Paz Ferreira)

Oh! Tenhaes calma, que em ser calma a gente
Ascende ao marco perennal da gloria;
Só com a calma vivereis contente,
A calma é fé e sendo fé victoria.

Mas... vós direis:— Que calma, grande historia!
Isso de passadismo alvinitente,
Conta-o áquelle que não tem memoria,
«Seu» da pieguice bobo penitente.

— Contudo, joven, colhereis a palma
Dos verdes louros no vosso labor
Si me ouvirdes e applicardes calma

Na lucta pela vida, quotidiana,
Em tudo quanto quereis dar valor;
Caso contrario, colhereis... banana!

Peter Pan

Leo Junior

Iniciamos hoje a collaboração de brilhante homem de letras paranaense, que se occulta sob o pseudonymo acima. Espirito culto, literato de valor, escriptor fecundo, Léo Junior, é um dos ornamentos das letras patrias. Atravez de suas muitas obras publicadas, percebe-se o vigor de seu talento aprimorado. Paranaense de nascimento, nutre por sua terra extranhado zelo e dahi o ser Director da revista paranista, «Prata de Casa», dedicada exclusivamente a assumptos paranaenses. E pois, com satisfação que apresentamos aos nossos leitores o sabor de sua collaboração, na certeza de que ella agradará a todos, indistinctamente.

Sobre a meza

Sino Azul — Temos recebido com assiduidade esta revista que se publica em São Paulo. Organ dos Empregados da Cia. Telephonica Brasileira, dia a dia vem se apresentando melhor illustrada, collaborada e trabalhada, firmando se assim no bom conceito publico como uma das nossas boas publicações de imprensa.

Prata de Casa — Revista paranista, que se publica em Curityba (Paraná) sob a competente direcção de Léo Junior, nosso brilhante collaborador. Fundada com um fim altamente recommendavel, como seja o de engrandecer o Paraná e tornal-o conhecido, «Prata de Casa» vem cumprindo galhardamente o seu mister. Toda ella é dedicada ao Paraná, suas cidades, sua vida, seus intellectuaes, etc. Trabalho graphico ex-



cellente, aliado á optima collaboração tornam «Prata de Casa» uma revista digna de ser lida por aquelles que se interessam pela vida de nossos Estados.

Gratos, permutaremos.

Recital de musica

Deverá realizar-se amanhã, no Theatro Republica, o annunciado recital de violino, do nosso conterraneo Angelo Pellicciari, verdadeiro interprete da difficil arte de Paganini.

Amante verdadeiro da Musica, Angelo Pellicciari, não se contentou com os ensinamentos que aqui recebeu e partio dia um para a Belgica, para continuar seus estudos no Conservatorio de Bruxellas.

E' pois, de se esperar que esse recital nos proporcione uma noitada admiravel de arte, de musica. No proximo numero diremos o que foi esse recital.

Gratos pelo convite, faremo-nos representar.

“Miss Paraná”

(Impressão de Leitura)

Conheci uma flôr que era uma mulhe .

Conheci uma mulher que era uma flôr.

Vivia aqui onde o pinheiro ostenta a altivez de seu porte, e, entre as arvores, é rei na floresta paranaense. O sol brilhava no alto com a intensidade fecundante de creador de vidas. Aves possuidoras de coloridas plumagens vojavam por cima de

nossas cabeças. A natureza toda era um delirio de cores Muito azul pelos céos, mares de verdura pela terra. As gralhas azues, num grasnar ensurdecador, iam escondendo as sementes donde brotariam as arvores da nossa riqueza que o machado e a serra têm devastado. Flores abertas e cheirosas pintalgavam o cimo de arvores e a vastidão dos campos. E as aguas correndo celeres, em meneios de cobra, espalhavam uma frescura de sombra pre-dispondo para o gozo.

(Conheci uma mulher que era uma flor.

Conheci uma flôr que era um i mulher.

Mulher e flor.

Foi assim, aproveitando o lindo dia de verão, que fruí a delicia de um beijo.

Beije-i-a com amor

A mulher e flor, era morena — cor de jambo e labios de pita uga.

“MISS PARANÁ”

Curityba — Paraná

Léo Junior.

As mais bellias

Prestando a mais merecida das homenagens, publicamos hoje as photographias das tres primeiras collocadas no concurso de belleza, organizado pela «C. C. marca»

Na capa, a Srita. Odila de Miranda Chaves, descendente de tradicional familia local, que, com sua inconfundivel graça, conseguiu maior numero de votos, tornando-se assim a Rainha da graça e da belleza e detentora do titulo de «Senhorita Jundiahy».

No texto, as Sritas. Barbara Fagundes e Rosinha Gallo, primeira, genuina jundiahyense, tambem descendente de tradicional familia local que pela belleza e sympathia espontanea que de si irradia conseguiu o segundo logar. A terceira collocada, a formosa srita. Rosinha Gallo, cujos traços delicados e elegantes, tornam-na de veras linda e atrahente, tornando-a digna participante do «Trio da belleza Jundiahyense»!

Odila! Barbara! Rosinha!
Homenagem de «Sultana»

SULTANA e os GAROTOS

Quando Joaquim Silverio dos Reis, na Cachoeira do Campo, a 15 de março de 1789, entrou no casarão em que morava o Visconde de Barbacena, para denunciar a conspiração mineira, tinha apenas uma finalidade—livrar os costados da cadeia ou a cabeça da forca.

Contractador fraudulento da arrematação dos direitos de entrada na capitania de Minas, ou porque o negocio fosse máo ou porque não tivesse jeito para o negocio, em 1789 estava elle alcançado com a Real Fazenda em quasi duas centenas de contos de réis, com o processo às costas e já com a intimação para entrar com o dinheiro. Ou pagava (e isso era impossivel) ou a desgraça lhe desabaria sobre a vida: se escapasse da forca não escaparia da Costa d'Africa.

Ao entrar no palacio do governador ia como esses desesperados que, entre duas soluções funestas, encontram uma terceira salvadora. A terceira solução era, para elle, o perdão da dívida.

Não foi a alma traidora de Judas que o levou a delatar a conjuração. Não foi a ambição de um premio que o fez contar o que sabia. Foi o instincto de conservação.

Quando chegou a presença de Barbacena tinha uma intenção unica — salvar-se da morte ou do degredo africano que era quasi a mesma cousa.

E poucos os delatores com a infelicidade de Joaquim Silverio. Sofreu as injusti-

ças da opinião publica, como soffreu as ingratições da rainha a quem serviu.

A opinião publica, por deficiência de conhecimento dos factos, vestiu-lhe a roupa negra de traidor, quando elle foi apenas um delator. Odiou-o, repelliu-o, malquistou-o, fel-o andar por Sêca e Méca, ás humilhações mais tristes. E para completar a obra, entregou-o á historia coberto de lama.

A rainha, ou melhor, a corte de D. Maria I, só tarde e muito tarde lhe pagou o serviço da delação.

Desde os primeiros dias da suffocação da Inconfidencia que se ouve a voz de Joaquim Silverio pedindo, rogando, supplicando ao vice-



As graciosas meninas Ibis e Iza, filhinas do nosso amigo sr. Joao Baptista Faria Paes, são dos anjinhos da terra. E não são mesmo?

O delator da Conjuração

(Do "Bahú Velho")

Viriato Corrêa

rei no Brasil e á corte em Portugal, que meçam o valor do seu serviço. E' o clamor ancioso do desesperado que sabe que morrerá se lhe não derem a mercê. E, dia a dia, essa voz se vae tornando mais alta, mais supplice, mais commovedora. Não é um premio que pede, è o perdão para a sua dívida. E' a vida emfim.

Mas os contratempos abafam-lhe todos os clamores. O vice-rei não lhe ouve a voz, a rainha está mais surda que um penedo.

Faz-se a devassa, os conspiradores são recolhidos ás masmorras, constata-se um por um os artigos de sua denuncia.

Mas o reconhecimento da córte não vem, não vem a

suspirada mercê da rainha.

Passam-se quasi tres annos, conclue-se o processo, lavra se a sentença. Tiradentes sóbe á forca, os outros conjurados seguem n'ra o degredo, e elle pedindo, insistindo, com a tragica desesperação de quem sente a morte deante dos olhos.

O governo, em vez de lhe mandar um consolo, uma prova qualquer do seu reconhecimento, continua a agir, a perseguil-o, a processal-o, como a uma creatura vulgar que nenhum serviço tivesse feito em prol do throno. Os seus bens são sequestrados, a sua prisão è decretada, constringem-no a entrar na cadeia.

Só em outubro de 1794, dous annos depois de concluido o processo da Inconfidencia e de Tiradentes subir ao patibulo, é que a soberana portugueza, pela primeira vez, ouve a sua voz.

Assim mesmo porque teve elle a felicidade de commover o vice-rei do Brasil, o conde de Rezende. A correspondencia do vice-rei, pugnando pelos direitos do delator, tem a data de 2 de maio de 1794. E' uma pagina forte, feita de proposito para abalar uma corte. Mostra que Joaquim Silverio foi o "primeira denunciante da conjuração de Minas", que se conduziu "naquella gravis-

sima e arriscada conjectura com uma fidelidade propria de vassalo de S. M. Fidelissima". Foi elle que, "apezar do imminente risco de sua vida, dos prejuizos de sua casa, e até da separação de sua familia, foi communicar ao visconde de Barbacena

"os planos da conspiração", as perversas e abominaveis maximas dos conjurados que, com o seu illimitado desaccordo, não só difundiam as suas erradissimas idéas naquella capitania, mas até pretenderam infeccionar esta, a do Rio".

E fallando com a mais limpida clareza diz que Joaquim Silverio "justamente capacitado de ser relevante o serviço que fez á Sua Magestade" se considera "digno de ir a sua real presença (a de D. Maria I) ainda mais para conseguir tão grande



Conhecem na? E' a Ruth, a galante filhinha do nosso amigo, sr. Alberto Fernandes, residente em Bebedouro.

honra, do que para supplicar a mesma Senhora o premio, que por esta acção, elle pudesse merecer da sua real e inimitavel grandeza". E conclue affirmando que ha na população um "reparo geral em se conservar nesta cidade como preso um homem que, pelas suas at-

tendiveis e louvaveis qualidades, se tem feito digno das maiores distincções".

A recommendação do conde de Rezende surte effeito. A 4 de outubro do mesmo anno, a rainha, em consideração aos «distinctos serviços» e á exemplar lealdade de Joaquim Silverio, mimoseia-o com o habito da ordem de Christo, com . . . 200\$000 de tença, pagos effectivamente.

Mas não é isso que elle quer. O que quer é o perdão da dívida, é livrar os costados do degredo africano ou a cabeça da corda da forca.

Em 14 do mesmo anno respira á vontade—consegue finalmente a graça almejada. O decreto manda levantar o sequestro e entregar-lhe "os bens apprehendidos pela Real Fazenda pelo alcance de 167:553\$770".

Isso «como testemunho da real approvação pelo fiel e louvavel comportamento com que tem honrado o nome Portuguez.»

Era de facto a vida que a rainha lhe restituia nas linhas rapidas do decreto. Mas não era tudo. Penos como a Costa d'Africa de que elle tanto procurou livrar-se, sentia, em derredor do seu nome, a repulsa viva dos homens no Brasil.

E o desgraçado imaginou que um titulo de nobreza podia influir no coração dos homens e acobertal-o do desprezo. Pede a graça á soberana. Ella fal-o fidalgo da sua casa a 20 de dezembro do anno em que lhe perdeu a dívida.

De nada serve o titulo. Antes tivesse ido arreben-tar ao sol da Africa, antes tivesse perdido a cabeça no alto de uma forca, pela culpa da divida

Quem o via -- virava-lhe as costas onde chegava -- todo o mundo fugia.

A Carta Anonyma

CONTO



Carlito, era um rapaz que gostava de escrever cartas anonymas e nas quaes expunha com frieza e cynismo, factos por elle inventados. Era um invejoso. Não passava de um infeliz pol-trão e hypocrita contumaz. Era emfim da mesma escola de Dioguinho, um meu desconhecido inimigo e gratuito atacante, a quem dedico este meu conto, com o intuito de fazer com que elle deixe de vez esse pessimo costume. Não que eu me impressione com carta desse jaez, mas sim para que Dioguinho veja quão indigna é a acção do individuo que se acoberta sob o manto do anonymato. Elle verá a-travez deste conto a mavelvola consequencia de uma carta anonyma.

Henrique e Lucio, eram desde a meninice, dois bons e inseparaveis amigos. Moravam sempre juntos e sempre juntos trabalhavam num mesmo escriptorio. Ambos solteiros, moravam ultimamente em uma pensão onde travaram conhecimento com um outro rapaz -- o Carlito -- que mais tarde havia de ser o destruidor da solida amizade que os prendia.

Entre Henrique e Lucio medeava um differença na idade. Aquelle dois annos mais velho. Ambos possuidores de caracteres sem jaça, eram em alguma cou-

Não pode mais pisar em Minas, não pode morar no Rio. E lá se foi para o Maranhão e, assim mesmo, que vida a que lá teve! -- odiado, humilhado, repellido como um cão leproso a que toda a gente afugenta a pedradas.

sa differentes. Henrique tinha uma vontade enorme dese casar e Lucio não pensava em tal. Aquelle era apaixonado e alegre, este triste e pensativo sempre. Viviam na maior e mais completa caramadagem, até um dia em que uma nuvem negra desceu sobre elles, desfazendo a velha e solida amisade que nos unia, por meio da penna venenosa de um perverso que se intitulava amigo.

O namoro de Henrique com Ivette -- uma lourinha gentil que morava num palacete pouco distante da pensão -- já ia bem encaminhado, murmurando-se mesmo, que elle assim que obtivesse uma melhoria de vencimentos que estava pleiteando e que lhe fora promettida dentro de poucos dias, tornar-se ia noivo. Mesmo preocupado com o seu futuro noivado, Henrique jamais deixára arrefecer a amizade sincera que o ligava a Lucio e vice versa e nas horas de folga, á tardinha, na janella da casa de pensão, ambos palestravam amigavelmente e não raro a palestra versava sobre o futuro de ambos. Dizia Henrique:

-- Lucio, porque não te casas? Já estamos na idade de pensar nesse grande passo de nossa vida e a ti não faltará uma moça

que queira ser tua digna companheira, de boas qualidades e capaz portanto de te fazer feliz!...

-- Meu caro Henrique, sabes bem da minha vida. Ainda não pensei em assumir esse compromisso, justamente porque me peza sobre os hombros a grande responsabilidade que não ignoras, a de enviar mensalmente á minha velha mãe e queridos maninhos, metade do meu ordenado...

-- Bem, mas has tambem de ser augmentado nos teus vencimentos e segundo forte insuspeita, na nossa Repartição nós que somos os mais graduados vamos ter um augmento assaz compensador.

-- Embora, meu caro. Com tudo isso, não deixarei tambem de augmentar para os meus a mezada. Mãe fica tão contente o mez em que lhe posso mandar um pouco mais!...

-- Mas, em te casando poderás morar juntamente com elles!...

-- Compreendo. Contudo, enquanto não os ver bem encaminhados na vida, terei que amparal-os. É para isso que trabalho e creia-me Henrique, com a maior satisfação eu me sacrifico por elles!...

-- Tens um bello e bom coração, amigo Lucio. Deus ha de recompensar tua manha bondade.

O ultimo dia do anno chegára. Naquelle jantar extraordinario de Boas Festas, Henrique não apparecera.

Lucio, ha já dois dias que não conversava com o seu amigo, pois este devéras atarefado com o encerramento do anno estava bastante occupado. Viam-se no escriptorio, cumprimentavam-se ligeiramente e nada mais. Lucio, bem por isso, sentado na cadeira de balanço, esperava-o

com impaciencia, quando o tilintar da campainha do telephone veio obrigar-o a locomover-se para attender. Era Henrique, que como de outras vezes, pedia a Lucio para desculpá-lo junto ao dono da pensão, pois não podia comparecer ao jantar, devido a urgente necessidade de terminar um serviço até a madrugada do dia seguinte. Comeriam qualquer cousa num restaurant proximo ao escriptorio.

A's sete horas da manhã de Anno Bom, Lucio levantara se cedo. Na cama visinha, Henrique dormia a bom dormir, cansado de tantas noites passadas em claro, no escriptorio. Lucio, procurára não fazer ruido algum, para não acordal-o, mas, desastradamente batera em um movel qualquer, que foi ao chão e cujo ruido accordára seu amigo. Longe de zangar-se com o acontecido, Henrique sorri e sentando-se na cama, diz prazenteiro:

-- Boas Festas, meu caro Lucio! Da cá um abraço! Tenho boas novas a contar-te!

E os dois amigos estreitaram-se fraternalmente e trocaram seus cumprimentos.

-- Ao sair hoje pela madrugada do escriptorio juntamente com o chefe, elle deu-me agradavel noticia: Fui nomeado seu substituto pois elle se aposentou e tu foste indicado á minha vaga com cincoenta por cento de acrescimo nos ordenados actuaes e alem disso, optima gratificação. (E accrescentou batendo palmas alegre:) Agora sim, posso me casar, Lucio! Hoje mesmo vou pedir Yvette em casamento!...

-- Eu fiquei muito contente com isso. Disse Lucio alegremente -- Só assim, doderei ver-te muito em

breve satisfazer tua maior aspiração e verei tambem minha mãe mais alegre por receber o dobro da mezada.

-- Eu me casando -- concluiu Henrique -- virás morar commigo: quero que deixes esta vida de pensão!...

-- Obrigado, muito obrigado, meu bom amigo.

Passaram-se alguns mezes. Henrique é noivo. Um domingo, por signal chuvoso, eil-o que entra na pensão triste, abatido. Todos extranharan sua attitude. Fez rapidamente sua merenda. Sorveu a largos goles sua chavena de chá e encaminhou-se a passos lentos para o seu quarto. Lucio, que lá estava, vendo seu amigo entrar assim tão triste, aproximou-se e batendo amigavelmente no hombro disse-lhe brincando:

-- Que é isso meu caro? Arrufo de namorado?...

Henrique, fitou-o com o olhar faiscante.

-- Ainda ousas caçoar me miseravel!... Julgava-te meu amigo sincero... nunca pensei!...

Lucio empallideceu.

-- Estás maluco, Henrique? Nem ao menos sei o que se passa. Apenas brinquei contigo... e o que ha para me offenderes assim tão bruscamente? Exijo explicações!...

-- Sim! Não te finjas innocente! Não venhas com desculpas!...

Lucio ainda mais confuso:



-- Não posso comprehender tua zanga!

-- Compreenderás já. Veja!... (e dizendo isso Henrique, lhe atira, colerico, uma carta).

Lucio, apanha-a soffrego e lê e relê, avidamente. Franziu os sobrolhos. Compreendendo a attitude do amigo, fita-o demoradamente em silencio. Baixando os olhos naquellas linhas faticadas, murmura entre dentes o final da missiva: « Yvette: creia, será sua desgraça tal união; Henrique, não é digno de ser teu esposo.»

Doas grossas lagrimas correram-lhe pelas faces.

-- Henrique, atribues a mim, semelhante ignominia

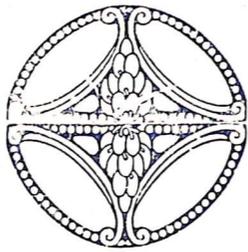
-- A quem mais senão a ti, que tão bem me conheces... E dizer quementiste!...

-- Ah! Henrique! Commeteste a maior das injustiças assim pensando. Não sou e não serei capaz de tal. É alguém, que invejoso de ti, lançou mão do anonymato para prejudicarte. Pelo amor de Deus, não faças esse juizo a meu respeito!...

-- Nada de subterfugios! D'ora avante as nossas relações estão rompidas e o meu casamento desfeito.

Naquelle mesma tarde, Lucio e Carlito, conversavam. Lucio, penalizado, explicava-lhe o acontecido. Notava-se de vez em quando certo rubor subir ás faces deste ultimo. As vezes a parteava, quasi se comprometendo e sabendo-se culpado, sentia um remorso infindo compungir-lhe a alma. Tinhas impetos de sair dali e correr para perto de Henrique e tudo confessar. Faltava-lhe porem, a força. Faltava-lhe uma virtude que os covardes não possuem, a coragem.

PERFIS



T. S.

Louro, louro, como um filho das anglo-saxônicas plagas, de cuja raça descende, elle tem um physico de athleta e um coração de creança. Sem ser excessivamente gordo, elle não é todavia, magro. E' enfim dotado de um corpo elegante e bem conformado. As suas primaveras, talvez não cheguem a uma dezena. Adora e pratica incançavelmente o esporte. E' mesmo um consumado futebolista. Funcionario da mais poderosa de todas as organizações ferroviarias brasileiras, que tem seus escriptorios e officinas nesta cidade, elle é bastante querido e estimado. Alliaz as suas bellas qualidades moraes que lhe exornam o coração são o factor principal desse bem querer. Frequenta assiduamente o Gremio Recreativo dos E. C. Paulista, onde se fez indispensavel em todas as partidas dançantes e de cujo quadro de bola ao cesto, é um dos mais ardorosos defensores. Faz parte de um famoso bloco, que se celebrou nesta cidade por um numero fatidico que lhe serve de emblema. Frequenta tambem o Gabinete de Leitura, bebendo nos livros, o são ensinamento, illustrando assim, o seu espirito de insaciavel ledor. Ama. E a sua deusa é uma moreninha ideal que reside em uma das ruas da parte antiga da cidade. Elle que é excessivamente gentil, conquistou definitivamente parece — o coração de sua eleita. Parecem feitos um para o outro. Ella que não é menos gentil, bastante risonha, sente-se contente quando está ao lado d'elle. Ambos frequentadores assíduos das «matinees» do Polytheama, onde ciciam por certo, suas juras de amor.

Elle reside na parte opposta da que mora a sua predilecta, em uma rua que recebeu por patrono, o nome de um militar, que muitos serviços prestou a Jundiaby. E' uma casa alta . . . numero impar.

EVA

G. O.

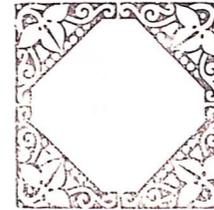
O typo ideal de mulher que hoje apresento, é morena, como soem ser as filhas da mais linda e bella terra, do mais rico e adoravel paiz, é enfim como soem ser as filhas da patria, em cujo céu rutila o Cruzeiro do Sul — o Brazil. E elle é bem brasileira. Em suas veias azuladas corre o sangue escaldante paulista. Descendente de uma das nossas antigas familias, ella conserva até hoje a graça e a fidelguia de antanho. Joven, bastante joven, espaira sempre pelas nossas ruas, a sua belleza e a sua juventude. Adora a dança e gosta bastante de promover «issustados», onde sempre o seu encanto irresistivel impera e supera. Adora as «matinees» domingueiras do Polytheama, e sob hypothese alguma as perde. Anda sempre em companhia de sua mana e de uma amiguinha, loura como trigaes em flor. Contitue a «trindade gentil e encantadora» e houve mesmo alguém que, já as intitulou; as tres Marias, embora nenhuma dellas seja de facto, Maria. Sempre feliz e contente, jamais se a viu com um rictus de tristeza a bailar lhe na face, jamais se viu os seus labios se contrahirem na tristeza de uma dor. E mais sorri, ainda, quando tem ao seu lado aquelle a quem dedica o seu affecto e a quem deu o seu coração. Ella, parece gostar muito de certo rapaz louro que de ha muito lhe faz a corte e alliaz é bem recebida. Qando está em companhia d'elle, ella mais feliz e contente se sente e mais intensamente sente palpitar o seu pequenino coração de brasileira. Reside ella em uma rua dedicada a certo Senador, rua essa que não é . . . velha. Vae sempre as soirees dançantes do Gremio, onde se diverte e onde é bastante querida. E quando ella vae, leva consigo as suas companheirinhas gentis e encontra-se sempre com elle. E com isso só, ella sente-se feliz.

ADÃO

TYPOS POPULARES

João Bigodudo — o garrafeiro

IV



Eil-o que passa sorridente. Alma boa e simples, é um typo verdadeiramente popular. Sua vida de trabalhos e luctas, vale bem um poema. Ha muitos annos já que habita esta nossa terra, onde captou grandes sympathias, geralmente entre a «guryxada» travessa que de longe o conhece. Nasceu no bello e rico Estado de Santa Catharina. E' um feliz. Na sua humildade está, graças ao bom Deus longe do convivio de outros typos populares — os politicos. Quem me dera ser assim — um garrafeiro feliz: Com suas cocadas, com seus «pés de moleque», com suas rapaduras, é da manhã á noite, o quitandeiro ambulante, com seus longos bigodes «a la cocada», ou chamuscados de doces leite, que mais distribue sorriso á petizada. Em cada um, tem um amigo; em cada um, tem um freguez. Eu mesmo disse em outra occasião e nas paginas desta mesma revista, que elle era «o terror das mães cautelosas» e disse com razão, porque quando o João Bigodudo passa pela rua, passa-se nas dispensas das casas de seus freguezinhos uma verdadeira tragedia: não escapa uma garrafa sequer — todas são troca-

das pelos apetitosos doces e gostosas rapaduras. Isso irrita as mães, porque na ancia de serem trocadas pelos doces, muitas são quebradas, cujos cacos, esparsos pela calçada, ferem as vezes os pés da creança. E é por essa razão que as mães ficam cuidadosas. E por falar em «O garrafeiro», soube que outro dia o João Bigodudo foi a redacção de «Sultana», levar o seu protesto contra o que escrevi a respeito de seus doces. «Não é verdade que os meus doces deem dor de barriga. (Disse elle). Isso é serviço de quem não tem mais nada que fazer, não tem mais o que inventar. Até pelo contrario — meus doces são muito bem feitos e não produzem dor de barriga. Tem até a virtude de ser muito bem indicados nos casos de «pin-dicite» aguda. É tiro e queda. Quem descobriu que elles davam dor de barriga, devia antes ir ver se eu . . . estou alli na esquina . . .» E riu gostosamente.

E' um homem feliz, o João Bigodudo, no seu mister de garrafeiro! Não se mistura com os outros typos populares. Quem me dera ser assim — um garrafeiro feliz! . . .

Aro

Clichês, desenhos de propaganda, chapas para exhibição em telas de cinemas, carimbos de borracha em alto relevo, numeradores, etc. — Preços modicos. Informações nesta Redacção

SULTANA — Revista mensal, critica, humoristica, literaria e illustrada — Para annuncios e assignaturas, com o representante: Elias Henriques Villa Arens.

"INCOHERENCIAS E PONTOS NOS I I"

«A "Sultana" publicou o seguinte pensamento incoherente: "Feitos de vilão: atirar a pedra e esconder as mãos." E' muito interessante atirar *uma* pedra com ambas as mãos, não acham?" Cid Adão Jundiá

D'O Porvir de 3-3-29



— O negrinho: — O que é que vaes fazer com essa enorme pedra, Papudo?

Papudo: — Vou levar ao Cid Adão Jundiá, para atirar com u'a mão só!...

mas não pude. Deixei-a soluçar, porque sei que o pranto muitas vezes acalenta as maguas do coração.

Afastei-me.

No meu intimo, porem, sofria ainda mais. Pobre de Bertha-Maria; qual seria a causa de seu desespero?

Tão joven, tão linda, flor da graça e da candura, porque não me dizes a tua dôr? Não sou porventura o teu melhor amigo? O', como soffro por te ver assim.

Isto dizia eu com a angustia impressa r'alma.

Jamais a poderei fitar, vendo em seus olhos aquellas lagrimas ardentes.

Estatua da Amargura, symbolo da Dor e da Afflicção, eu via em Bertha-Maria a reproducção fiel da Mater-Dolorosa, chorando aos pés da cruz a morte do seu Divino Filho.

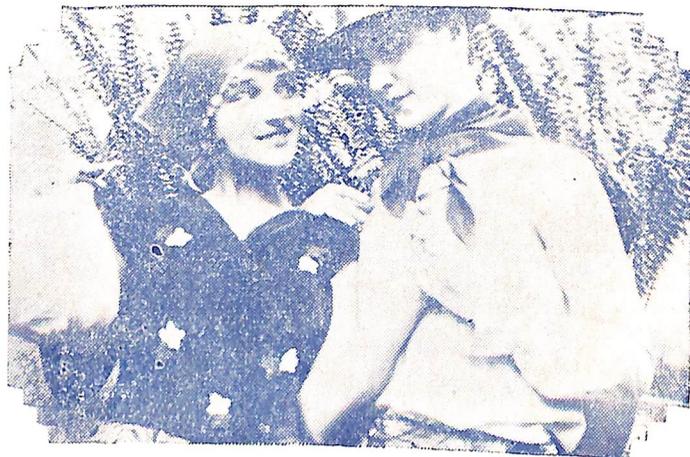
Não pude conter-me. Volvi-me a ella e disse-lhe:

— Porque choras? Qual a dor, a angustia, a afflicção, a saudade emfim, que te crucia?

Então Bertha Maria er-

FRAGMENTOS

Disfarçando



Num «travesti» encantador, com um sorriso a brincar-lhe nos labios coralinos, ellas talvez perguntem entre si —
Elas nos conhecem?

Nessa tarde de Maio, fria e tristonha, quando as primeiras sombras do crepusculo punham reflexos sombrios das cousas mortas, fui visitar Bertha-Maria, minha amiguinha de infancia.

Fui, e a encontrei soluçando:

— Porque choras? disse-lhe commovido.

— Porque soffro! respondeu-me Bertha-Maria.

Nisto senti que algo de grave perpassava sobre sua alma de menina e moça.

Quiz indagar qual a causa de seu soffrir, mas detive-me. Quiz consolala,

gueu a sua cabecinha loira, volveu para mim seus grandes olhos de velludo negro — dois astros e dois abysmos — e lacrimosa disse-me:

— Porque te amo e me despresas!

A mim? Amas-me? O', Bertha-Maria, eu... adoro-te!... e banhei minhas mãos nas ondas de ouro de seus cabellos.

Ao longe, a voz do sino do Rosario, bimbilhava, chamando os fieis. Os seus echos, como poemas de agonias e de saudade, confundiam-se com a neblina prateada da noite que corria.

Aniparo.

J. GEORGES

UM ANNO DEPOIS . . .

As duas amigas

Em uma manhã da primeira quinzena do mez de Janeiro do anno findo, ten-

do sahido em prolongado passeio, minha attenção foi despertada pelo relógio da torre da Matriz, que batia aquellas sonoras e tristes badaladas da hora do meio dia, trazendo-me á recordação os primeiros dias da minha mocidade. Quando em uma manhã de Maio o sol flamejava por entre reverberações abrazadoras de luz, tive a felicidade de encontrar depois de longos annos de ausencia, uma creatura fragil, que nos tempos de sua meninice, fora os encantos dos seus progenitores e de suas amiguinhas. Sempre bella, de olhos castanhos e contemplativos, amavel e sympathica. Seus cabellos que outr'ora repousavam em ondulações, pelos seus hombros eburnios e que fluctuavam ao fagueiro sopro da brisa, quando soltos, não mais lhe ondulam a fronte terna, em virtude da obediencia aos caprichos da moda.

Essa creatura que era im-

mensamente catholica, não admittia que quem quer que fosse lhe fizesse a menor objecção sobre a sua religião. Nessa manhã de Janeiro, achava-se ella acompanhada de uma joven, quasi creança, de assáz graças, pois a sorte lhe foi propicia em dons nativos.

De porte elegante, olhos castanhos resplandecentes, esbelta e linda, a natural bondade que de si se irradiava, realçava-lhe os dotes phisicos, correspondendo assim, os prediados do coração ao formoso conjueto do seu talhe.

A primeira vista inspira sympathia, que o seu tratto fidalgo augmenta e transforma em amizade.

Alegre e affavel, aprecia o bom convívio social e os bons divertimentos, principalmente a dança, em que desliza e volteia, serenamente airosa e gracil, sem esforço.

A primeira destas creaturas — profundamente christã — fora casualmente of-

fendida por uma indiscrição de sua amiguinha. Sentiu. Mas tudo foi serenado graças aos meus bons esforços, envidados para esse fim.

Não poupei trabalhos enquanto não as vi de novo ligadas pelos mesmos laços de amizade. A paz voltou de novo para os corações amigos daquellas duas angelicaes e innocentes creaturas.

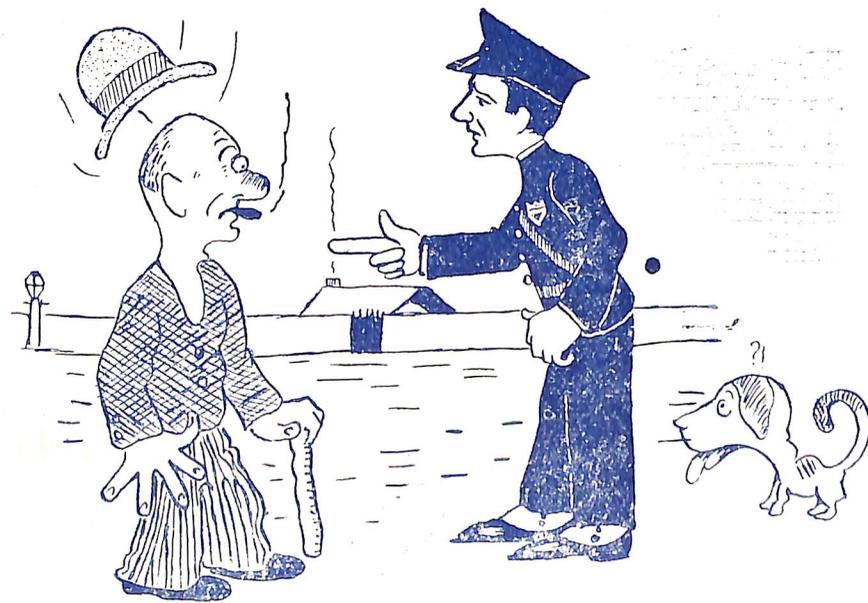
E assim no ultimo domingo daquelle mez, eu tive de novo a felicidade de vel-as passear juntinhas... unidas como sempre...

No coração da mulher o odio não vive muito; o coração da mulher foi feita para o amor e para as boas acções...

Tenente Mysterioso

A GUARDA CIVIL

Aventou-se em tempos a idea de se organizar aqui uma guarda civil. Voz do Povg



O paisano:— O senhor vae fazer parte da Guarda Civil local?
O "grillo":— Não senhor. É o meu "futuro" neto!...

POESIA



A RAUL OSUNA
DELGADO — Avaré

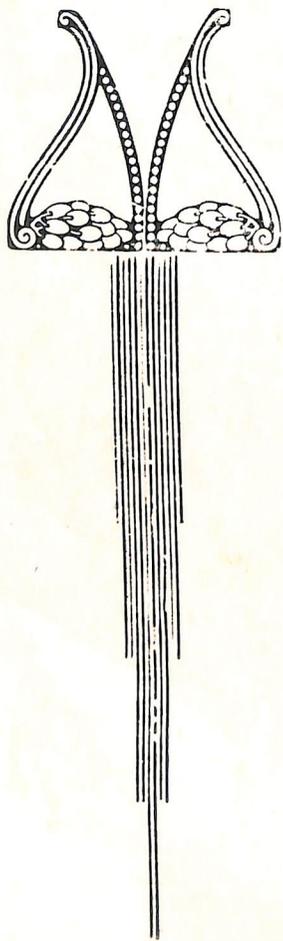
Diz-me poeta, pela sonoridade rythmica dos teus versos, onde se encontram as pedras raras e faiscentes que aprisionas em teu cerebro de fogo, para fazel-as luzir mais tarde em os teus poemas de amor?

Diz-me poeta. diz-me baixinho, do segredo mysterioso da tua lyra d'ouro, que somente aos poetas é dado tanger.

Diz-me ainda poeta, de que sões tu colhes os raios alourados, puros e sublimes como trigaes floridos para enfeixal-os na sublimidade dos teus versos?

E daqui de longe, poeta, eu te vejo enfermo, recluso entre as paredes brancas do teu claustro triste buscando nos versos que o teu cerebro genial produz, o balsamo para a tua enfermidade espiritual.

Que visionarios são os poetas! A vida toda cavallando sobre o corcel alado das fugidias illusões, sempre a pensar nos versos que compõem, na verde corôa de louros, tao perto e tão distante.



Os teus olhos vislumbram phantasticas estradas, alcatifadas de petalas perfumadas, onde palmilhassem como cegas mariposas, sem sentirem: entretanto o contacto dorido dos espinhos ponteagudos e envenenados flagellando a carne.

Poeta! Synthese do nada e symbolo de tudo o que é perfeito, de tudo que resume a belleza espiritual.

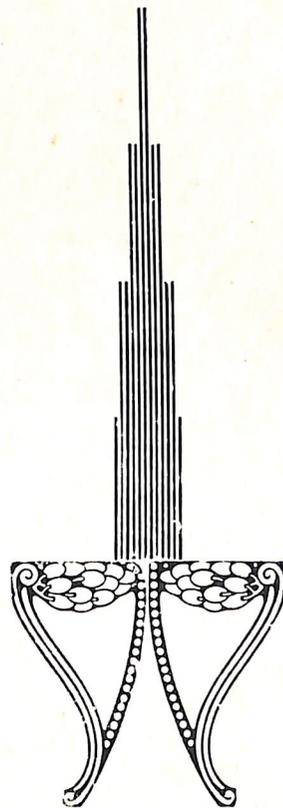
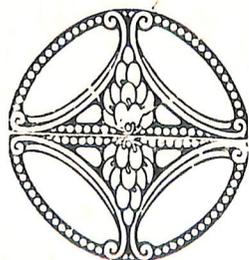
Nós, não podemos comprehender a natureza dentro da propria natureza, os poetas sabem comprehendel-a.

E' por isso, que eu ouço os poetas com uma religiosidade infinita, com uma idolatria talvez, porque elles sabem fallar diretamente ao nosso coração.

Diz-me pois, poeta, pelas azas da brisa que passa qualquer cousa da eternal felicidade que, outres, os não illuminados jamais poderão alcançar.

Itatiba, Março de 29.

ARRUDA CAMARGO



O BOHEMIO



A José Victorino Ferreira Filho

Mary Nettie

Madrugada de neblina.

De vez em quando, forte rajada neblionosa passa, castigando o rosto do noctivago bohemio que indifferente, enfrenta a onda rispida, sem um queixume; vae andando a passos cadenciados, desafiando o tempo máo, sem saber para onde e porque caminha. Ir para casa ás quatro horas da madrugada é muito cedo; e depois fazer o que? Que adianta deitar-se em fofo leito, se a quietude e a solidão da rua, são todo encantos para elle?

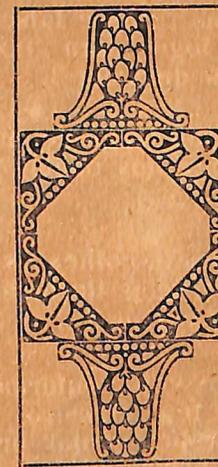
A propria neblina o enleva, e que importa esse frio rigido, se não o teme?

Mettido em grosso capote, mãos enluvadas, seus passos lentos echoam nos desvãos dos portaes ermos, quebrando a monotonia da solidão. Em aquellas horas mortas é elle senhor absoluto da cidade.

Ouve, indifferente, o trillar do apito da patrulha! Lá adeante, um guarda, postado na esquina, tirta de frio. Chega-se a elle como se fossem velhos amigos e entabulam conversação. E assim passam horas a fio, com grande gaudio do guarda, pois, se o bohemio alli não estivesse, talvez as horas lhe custassem a passar ou quem sabe, a que tempo já estaria a bom dormir... no coreto do jardim...

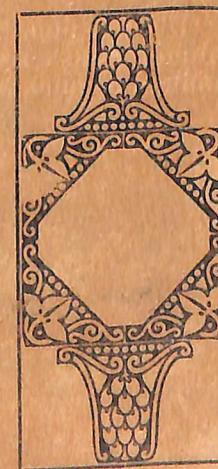
Os primeiros ruidos do despertar da grande cidade, já se começam a fazer sentir.

E a neblina, persistente impertinente, na finura de



seu garoar, continua a cahir!...

Que coração bondoso, o do bohemio! Compadece-se de todos, tem dó dos desamparados, não tem avareza. Sua bolsa, nas raras vezes que tem a ventura de conter alguns mingua-dos mil reis, está sempre



aberta á pobreza. Todos o estimam, porque sabem que aquelle corpo bohemio, encerra um coração magnanimo.

O bohemio sabe rir com seus folgazões companheiros de bohemia (quando os tem) nas noites bohemias, mas tambem sabe chorar quando se lhe apresenta um dos muitos quadros negros que a miseria da vida produz. E' elle o primeiro a compartilhar da dor dos desprotegidos da sorte.

Tem o bohemio, sincera e arraigada predilecção pelas creanças, explicavel, alliaz, pois o seu corpo de homem, encerra uma alma infantil.

A vida do bohemio, passa fugazmente. No seu viver de eterno conformado com a sorte, todos os espinhos da vida, que se lhe antepõem aos passos, transformam-se em roseas esperanças, ridentes felicidades. Não quer mal a ninguém e sente-se magoado, triste mesmo, quando percebe tristezas e soffrimentos em seus companheiros. Dias depois, passadas as nuvens escuras que toldaram transitoriamente o seu viver, eil-os novamente juntos, ao redor de uma meza, onde uma ceia fumega, odorosa, mais amigos que nunca!...

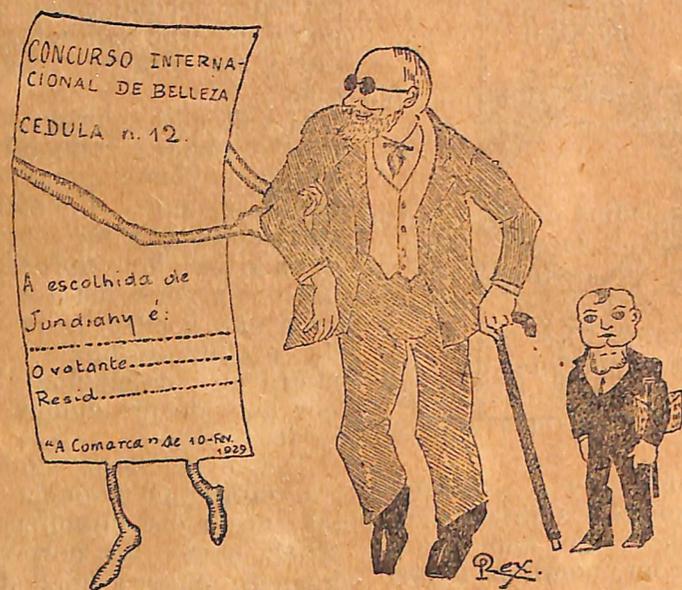
Deus, dotou o bohemio de duas riquezas de inestimavel valor: — um coração de ouro e uma alma encantadora e sincera!

Ser bohemio, è ser feliz...

O CONCURSO DE BELLEZA

No concurso de beleza local votaram cegos e paralyticos.

D'A COMARCA



PAPUDO (monologando): — Eu queria muito saber como é que este cego e paralytico "viu" a sua candidata e "assignou" a sua cedula!...

o melhoramento imposto redundou em beneficio dos nossos leitores.

E' nosso desejo melhorar «Sultana» sempre que nos for possivel e para isso é indispensavel o principal factor — o amparo publico.

Entra, pois, «Sultana» em uma nova phase. Esperamos, confiantes que o nosso povo saiba reconhecer o nosso esforço e ampare a iniciativa, demonstrando assim que sabem ser bons jundiahyenses e amigos de sua terra.

A todos que nos teem auxiliado até o presente e aos que nos auxiliarem d'oravante, apresentamos os nossos sinceros agradecimentos.

A REDACÇÃO

— Uma só vez estive de accordo com minha esposa.

— Como foi isso?

— Uma vez que se incendiou a casa em que moravamos; queriamos sair ao mesmo tempo.

— Como foi que papae te conheceu, mamãe?

— Foi uma vez em que cahi em um rio. Teu pae atirou-se atraz de mim e me salvou.

— Será por isso que elle não quer que eu aprenda a nadar?

O trem passa por um rebanho de carneiros.

— Vinte mil setecentos e oitenta, diz um viajante.

— Como poudes fazer este calculo com tanta rapidez? perguntou outro viajante, admirado.

— Muito facilmente. Primeiro contei as patas, depois dividi por quatro.

"SULTANA"

Procurando corresponder ao valioso auxilio que nos veem dispensando os nossos assignantes, cujo quadro dia a dia augmenta, estimulando-nos a persistir na senda iniciada, ampliamos hoje o tamanho de «Sultana».

Essa ampliação, não só lhe dará melhor aspecto, como tambem maior margem para a collaboração. As oito paginas que lhe diminuímos são bastante recompensadas no tamanho actual e se quizerem certificar-se é o bastante tomarem de um lapis e tirarem a area de composição das antigas pagina e da actual. Certificar-se-ão, assim, que

A ELECTRO-METALLICA

Fabrica de turbinas hydraulicas

J. Klovrsa, Eng.

Postes de ferro para linhas. Tubos de ferro batido

Rua Barão de Jundiahy, 1

Telephone, 153

JUNDIAHY E. de S. Paulo



A Alma do Passado

MERCEDES DANTAS



ERA uma caixa de charão negro, com incrustações de madreperola e ramagens caprichosas, imaginarias.

Vira annos e annos successivos, dalli, daquelle canto esquecido de velha gaveta.

E quando o pequenito perguntava: «Mamãe, que é isto?», esta respondia quasi asperamente: «Nada! Não é nada! Não mexas ahi.»

Era só.

O pequenito fez se homem.

Uma noite elle entrou no gabinete deserto.

Soffria muito. Tinha vinte annos e era ciumento. Brigára com a amada e deixára-a sosinha, surpresa e magoada.

Escancarou as janellas. Sentou-se em frente á velha mesa de mogno, pensando, pensando...

Sentia-se fatigado, sem coragem de raciocinar. A cabeça rolou entre as mãos nervosas e alheiou-se ao mundo.

Então se passou uma cousa extranha.

A velha gaveta estalou a medo... Entreabriu-se devagarinho. A caixa de charão gemeu. E fallou, assim, aos raios pallidos da lua amiga:

— Sou aquella que soube conhecer e calar. Minha felicidade foi a felicidade dos outros. Minha tristeza a tristeza dos outros... Sou a fiel Esquecida, a grande Olvidada. O resto luminoso de uma alma que amou e soffreu... E não quer que lhe recorde o bem que perdeu, o amor que sentiu...

Um ruido de azas que se tocam, de boccas que se beijam... E paginas amarellecidas, seccas, agitaram-se vagamente perfumadas.

E sussurraram aos raios pallidos da lua amiga:

— Guardo em minhas folhas, devotadas e discretas, todos os sonhos, todos os anhelos de duas almas que se conheceram e se separaram. Gravado como lapides tumulares — trago tudo aquillo que sentira me escreverem. Sou as palavras de amor, as agonias da espera, os minutos de ventura, os seculos de soffrimento, a eternidade da Esperança... Sou a Vida que passou...

Flores resequidas responderam, desfazendo se em pó:

— Sou a Lembrança, a Alegria dos infelizes... Instantes de illusão apagaram-se no viço de minhas petalas, na ebriez do meu perfume.

Um lenço, pequenino e rendado, murcho a um canto, moveu-se, então, lentamente, e murmurou, pausado:

— Sou a parte mais bella e triste dessa historia de amor. Em dias ditosos agitava-me, alegre e infatigavel, á porta do jardim, quando Elle se ia embora. Nos dias longos e vasio da Ausencia, guardava as lagrimas silenciosas do fim da Ventura. Hoje sou a Saudade.

Subito, porem, desdobrou-se, esticou-se inteiro sobre aquellas reliquias commovedoras e oobriu-as todas, como um sudario branco e simples...

Grande e velha traça, indifferente e voraz, que tudo ouvira, vendo a caixa de charão aberta, entrou, ostensiva, e disse, friamente, áquelles restos de amor:

— Sou o tempo.

O homem surpresa, levantou a cabeça. A lua continuava a espiat-o do alto do firmamento.

A gaveta estava fechada e muda.

Elle pensou um minuto. Dois minutos. Depois ergueu-se, tomou o chapéo. E foi procurar novamente a amada.

A INSTALLADORA

Rua do Rosario, 63 — Praça Independencia

Telephone, 368

• • •

Motores, transformadores, lustres, plafoniers, oleo para qualquer especie de machina. Grandes exposições permanentes de artigos de luxo e phantasia. Dispondo de habéis engenheiros electricistas, encarrega-se de installações de luz e f rça, fazendo levantamentos de plantas e orçamentos. Lampadas de todos os typos e potencias. — Artigos de electricidade em GERAL.

ANNUNCIOS luminosos, para todos os preços.

SCENA DO ANHANGABAHU

«A Camara Municipal vae installar torneiras publicas no Anhangabahú.»

Dos jornaes



UMA: — Onde é que você vae co'essas lata?

A OUTRA: — Vô inchê nas tornera que a Camera mandô botá.

— Chê! Isso inda demora. Agora é que mandaro fabricá as tornera!

OLHOS DE MULHER

(Sem a letra A)

(A minha mãe)

Teus olhos negros e lindos, fulgem como luzeiros poderosos! O brilho vivido que nelles residem, tem o poder supremo de submeter rebeldes impenitentes, vencer cohortes de guerreiros intrepidos, dirigir legiões de destemidos defensores de Deus e de dividir herculeos grupos de homens illustres, studios os de ruins credos.

Em reverberos de fulgores diversos, elles explendem, no desejo incontido de reflectirem seu brilho nos ceos infinitos do sonho e do bello.

Teus olhos tem o reflexo fulvo do pomo louro e chimerico, de um futuro de gosos; de um sonho de orgulho que reside sempre no peito dos que tem dentro de si um espirito orgulhoso.

Profundos e tristonhos, elles dizem tudo o que se esconde nos reconditos do teu peito soffredor e generoso.

E's mulher! E por isso é que elles luzem sempre! Esse brilho forte e lindo é proprio de olhos femininos onde o bem tem seu berço.

Dirigidos pelos reflexos dos teus olhos feiticeiros vivem os que sentem no peito o foco luminoso, que dirige os seus proprios destinos.

Luzeiros do bem, elles dirigem os pegureiros inquietos, os pobres opprimidos e os mendigos fomentos, eternos soffredores insensiveis perennes, expostos no degedro dos revo-

luteios de um destino incerto e perigoso.

Olhos ternos e sublimes ricos de meiguices, fontes de interminos beneficios, que teem o feiticeiro e desconhecido poder de descortinio, que leem nos cerebros de teus filhos, como se elles fossem um livro, onde estivessem impressos os textos constitutivos do genuino viver delles, filhos do teu soffrer e que soffrem contigo. Eu os fito com o conhecimento pleno do consolo que elles me offerecem. Fito os, com o conhecimento pleno de que desse modo procedendo, proporciono-me venturosos sonhos, deliciosos prognosticos que se devem cumprir em proximo porvir.

Vivo por teus olhos negros e lindos, como o ministro de Christo vive pelos fieis filhos de Deus — todo solicitude cumprindo fielmente os seus divinos misteres e meticulosos deveres.

Olhos negros e lindos, que fulgem como luzeiros potentes e unicos, tendes por nós, sedentos de teu brilho, o reflexo bemfeitor expedido pelo immenso e desmedido sentimento bom que retende.

Mulher! pelos teus olhos e pelo teu espirito, soffredor e generoso, vivem os teus filhos, os que vivem de ti e por ti!

Mulher! Teus olhos negros, profundos e bellos, teem o reflexo divino que reside em teu peito puro e sincero.

Eu quero ver sempre o teu fulgir!

Jund. 21 — 3 — 29

Casimiro Brites Figueiredo

Salão Americano
de

RAPHAEL UNGARO

Rua do Rosario, 65
Telephone N. 261

O proprietario contando com officiaes peritos. faz sciente que está apto para servir o mais exigente freguez. Serviço feito com hygiene e perfeição. Atende á domicilio.

Grande sortimento de perfumarias finas.

Annexo. com entrada independente, um bem montado gabinete para senhoras, obedecendo aos seguintes preços:

Dias de Semana 2\$500
Sabbados 3\$000

Casa Oliveira

Fundada em 1895

Completo sortimento de ferragens, louças e tintas. Cimento, arame farpado, telhas de zinco, formicida superior e sementes — Artigos de electricidade em geral — Seccos e Molhados

Vidros para vidraças

Saques sobre Portugal, Hespanha e Italia a cargo do

BANCO DO MINHO

A. J. Oliveira

Rua B. de Jundiahy, 108

Telephone, 89

JUNDIAHY

FACES & FACHADAS

B. NETTO

(Quem não tem voz, transforma a nudez em nudez. Quem não tem metro, calcula, de mais ou de menos.)

Esse que passa por ahí, senhores,
De redondo perfil e porte achatado,
É o mais ranzinza de todos os meus credores
E que foi na onda em me vender fiado...

Foi o homem de mil e tantos labores,
A vida leva todo atarefado...
Eu a elle terei lóas e louvores,
A esse super-homem activo e delicado.

O porque da questão, em pouco se explica,
A consideração que tanto o dignifica,
Provem de ser um grande barateiro.

E vendeu-me a prazo de dez annos, se não mais,
Para receber em prestações todas eguaes,
E como tal não fiz, chamou-me — caloteiro!...

ALLI - BABÁ

AGENCIA CARDERELLI

Agente do O ESTADO, FANFULLA e
DIARIO DE S. PAULO.

Annuncios e assignaturas.

Loterias Estadoal e Federal

Figurinos nacionaes

e estrangeiros

Praça Independencia, 6

Telephone, 1-2-4

Photographia Ideal

de

Alexandre Janczur

Rua do Rosario, 30

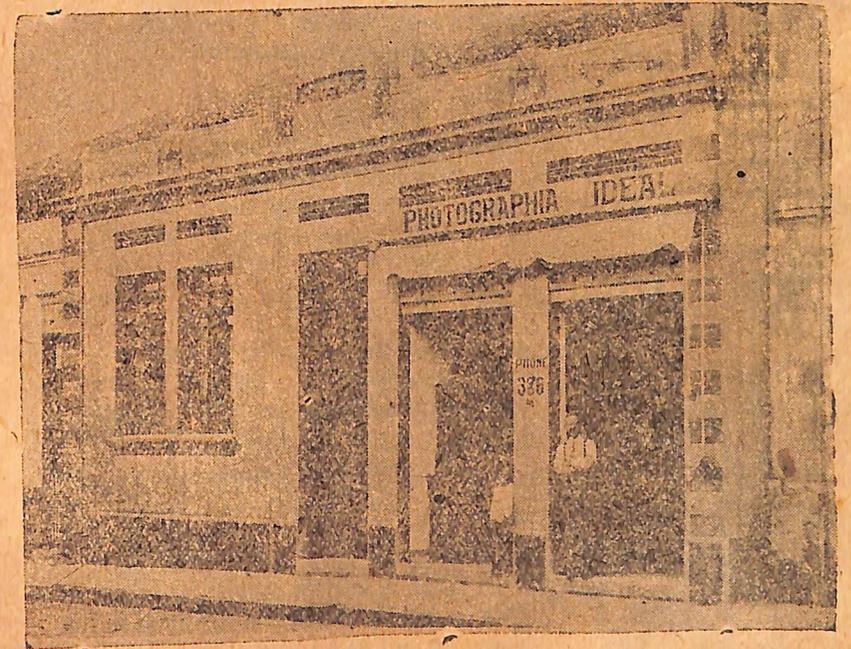
Telephone, 386

JUNDIAHY

Com casa especial de
molduras para quadros,
espelhos, vidros, portos-
retratos de crystal, san-
tos em alto relevo, es-
tatuetas e estampas.

Camara escura para
amadores.

Machinas photographi-
cas, films, chapas,
reveladores, etc.



Casa Lima

com
Armazem de Seccos e
Molhados finos, louças
ferragens, etc.

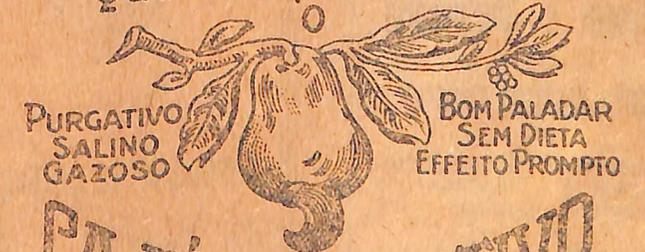
J. Lima & Cia.

R. Vigario J. J. Rodrigues
n. 28 Phone, 112

Entrega a domicilio

JUNDIAHY

Quem experimentar



CAJU PURGATIVO

Nunca mais usará outro purgante

a venda em todas as pharmacias

Teus Olhos

Para "Sultana"
 JOSÉ ROMEIRO PEREIRA
 13 ANOS

Teus olhos lindos, tão scintillantes
 Brilham como o luar,
 Parecem que atrahem como os amores,
 Nesses seus olhares tão tentadores,
 Que me deixam scismar...

Teus olhos lindos, tão scintillantes,
 Sempre tão tentadores,
 É uma gloria que exprime grandeza,
 É um brilhar que demonstra belleza
 Num viver de fulgores.

Teus olhos lindos, tão scintillantes,
 Sempre estão a brilhar;
 São esmeraldas que sempre brilhando,
 Na sua belleza lá vão despertando
 A vontade de amar...

Eu amo, teus olhos tão scintillantes,
 Com ancia de fallar,
 Que o meu coração tem um fado triste,
 Onde só pobreza e desengano existe
 Sonhando com teu olhar . . .

Relojoaria e Ourivesaria
 DE
 AFFONSO GERMANO SCHWANZ

Concerta-se joias, Relo-
 gios e Victrolas.
 Serviços garantidos.

OURO

COMPRA-SE, PA-
 GA-SE OS MELHO-
 RES PREÇOS

Rua São José, 12

JUNDIAHY

Desenhos de propagan-
 da, produzidos pelo REX
 Preços modicos
 Informações nesta Redacção

Confeitaria SERENO

Bebidas finas, Licores, Ap-
 peritivos, Vinhos, Aguas
 Mineraes e refrescos. Doces
 Fructas, Chocolates, Cha-
 rutos e Cigarros..

Antonio Sereno

Rua Barão de Jundiahy, 118

Largo da Matriz

JUNDIAHY

